



A PROPOSTA DE EDUCAÇÃO PARA/PELO LAZER NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

Celia Maria Sampaio de Carvalho Carneiro

Resumo: Neste trabalho objetivamos analisar a configuração do *lazer* nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Introdução e Educação Física). Utilizamos como procedimento metodológico a análise documental com contribuições de Shiroma, Garcia e Campos (2005). Constatamos neste texto, que os discursos presente nesses documentos se baseiam em concepções de cunho liberal e ao mesmo tempo “crítico”. Essa tentativa de conciliação se mostra inesgotável ao longo desses documentos, constituindo um retrato característico de sua época, na qual o Brasil anseia alcançar novos patamares no desenvolvimento.

Palavras-chave: políticas públicas; parâmetros curriculares nacionais; lazer.

No ano de 1997 foram lançados pelo Ministério da Educação e do Desporto e pela Secretaria do Ensino Fundamental os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para os dois primeiros ciclos do Ensino Fundamental, e em 1998 para o terceiro e quarto ciclos. Estes são compostos por dez volumes, trazendo no primeiro um documento introdutório (BRASIL, 1998a) de teor explicativo. Os demais correspondem às respectivas disciplinas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências, História, Geografia, Artes e Educação Física (BRASIL, 1998b). E os dois últimos volumes trazem assuntos como: saúde, pluralidade cultural, meio ambiente, orientação sexual e ética, denominados de *temas transversais*.

Em nossa pesquisa de mestrado analisamos a proposta de educação para/pelo lazer presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais, especificamente nos documentos “Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais” (BRASIL, 1998b) e “Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física” (BRASIL, 1998a), que correspondem a dois livros.

Na leitura desses documentos questionamos: Como se configura o *lazer* na escola segundo esses documentos? O que o texto remete quando fala em *lazer*? A escola seria



local (espaço/tempo) para a vivência do *lazer*? Vamos aos textos em busca das suas próprias contradições.

Sobre o papel da escola, os PCNs destaca a sua função socializadora a fim de formar indivíduos para o convívio social, intencionando auxiliar na construção da individualidade e ao mesmo tempo da identidade coletiva. Dentre os trechos onde se destaca o lazer, o documento nos diz que:

A educação escolar deve constituir-se em uma ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada para crianças, adolescentes e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo, diferindo de processos educativos que ocorrem em outras instâncias, como na família, no trabalho, na mídia, no lazer e nos demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social (BRASIL, 1998a, p.42, grifos nossos).

Na passagem acima se tenta afirmar o caráter diferenciado da educação escolar, colocando-a como algo distinto da educação familiar, da educação por meio da mídia, no trabalho e “demais espaços de construção de conhecimentos e valores para o convívio social”, dentre eles *no lazer*. Assim, apenas a educação escolar pode ser uma “ajuda” *intencional, sistemática, planejada e contínua*. Essa colocação acaba por opor o processo educacional ocorrido no lazer à educação escolar.

No que diz sobre a escola, adolescência e juventude na sociedade atual, os PCNs tratam sobre os problemas atuais pelos quais passam as escolas públicas brasileiras. Mas, destaca:

[...] Os corredores, pátios, banheiros e portões transformam-se em espaços privilegiados de convivência e, por isso mesmo, os espaços mais interessantes, particularmente para os jovens dos setores populares, que não dispõem de espaços — e, muitas vezes, nem de tempo — propícios ao lazer e ao encontro com seus pares (BRASIL, 1998a, p. 125-126, grifos nossos).

A escola (educação escolar) que no trecho anterior foi colocada como algo institucionalizado, e, portanto, diferenciado dos outros tipos de educação, é agora colocada



como *espaço privilegiado de convivência particularmente para os jovens dos setores populares* em seus “corredores, pátios, banheiros e portões”. Tal afirmativa mostra a tentativa explícita de naturalizar as diferenças de classe. O texto não ignora essas diferenças, mas ao dizer que aos alunos das classes desprivilegiadas bastam os cômodos da escola como espaço para o lazer, ele mostra sua face mais cruel (que é a de negar o lazer como direito social). Ainda nesse trecho, lazer e socialização não têm suas fronteiras delimitadas. Por outro lado, a escola também surge como aquela que poderá oferecer aos alunos experiências de aprendizagens que em outro lugar eles não as encontrariam, conforme explicita o trecho abaixo destacado:

É interessante refletir e considerar a qualidade e a quantidade de experiências de aprendizagem oferecidas pela escola, em relação com o meio sociocultural vivido pelo aluno fora dela, no qual é bombardeado pela indústria de massa da cultura e do lazer com falsas necessidades de consumo, carregado de mitos de saúde, desempenho e beleza, de informações pseudocientíficas e falácias (BRASIL, 1998b, p. 46, grifos nossos).

A *qualidade* e a *quantidade* de experiências na escola a que se refere o documento (quando remetemos especificamente ao lazer escolar) seriam aquelas oferecidas nos corredores, banheiros e portões?

Sobre a constituição de uma referência curricular e a concepção de ensino e de aprendizagem, as atividades de lazer aparecem como motriz de aprendizagens significativas:

A construção do conhecimento sobre os conteúdos escolares sofrem influência das ações propostas pelo professor, pelos colegas e também dos meios de comunicação, dos pais, irmãos, dos amigos, das atividades de lazer, do tempo livre etc. Dessa forma, a escola precisa estar atenta às diversas influências para que possa propor atividades que favoreçam a aprendizagens significativas (BRASIL, 1998a, p. 72, grifos nossos).

O conhecimento sobre os conteúdos escolares parece ser constituído por múltiplas influências na vida do aluno, inclusive através do lazer. Mas, como o lazer vivenciado pela criança (que segundo os PCNs, quando pertencentes às classes mais pobres só podem



usufruir deste na escola) poderia intentar tal finalidade? Parece que os PCNs falam sobre dois públicos de alunos distintos: as crianças das classes mais pauperizadas da população e as das classes privilegiadas. As pertencentes às classes privilegiadas, a construção do conhecimento tem condições de se beneficiar das influências que o capital econômico lhes permite. E as mais pobres, na maioria das vezes, contam exclusivamente com a escola como lócus de acesso à educação e ao lazer, visto que, fora desta, não contam com espaços, atividades e nem com o tempo disponível para tal.

Se os PCNs “podem funcionar como elemento catalisador de ações na busca de uma melhoria da qualidade da *educação brasileira*” (BRASIL, 1998a, grifo nosso), isso quer dizer que, ao propor atividades distintas em uma sociedade classista como a nossa, o Estado demonstra a dualidade da educação no país. Assim, mesmo dizendo que “a escola precisa estar atenta às diversas influências para que possa propor atividades significativas”, o discurso completo dos PCNs não reconhece essas diferenças e tenta resolver esse problema se permitindo não reconhecer o mecanismo que produz as desigualdades sociais.

No que diz respeito a delimitação do período de juventude:

Menos definidas ainda são as idades de saída da juventude. Vários estudos apontam que a definitiva entrada no mundo adulto se dá pela associação de cinco condições: deixar a escola, ingressar na força de trabalho, abandonar a família de origem, casar-se e estabelecer uma nova unidade doméstica. Mas mesmo essas condições são relativas. No Brasil, a entrada no mercado de trabalho não significa necessariamente o final da juventude; pelo contrário, no mais das vezes *é o trabalho que permite que o jovem tenha acesso ao consumo e ao lazer característicos da vivência juvenil*. Boa parte dos estudos sobre os jovens no Brasil, principalmente sobre os jovens das camadas populares, apontam o estabelecimento de uma nova unidade doméstica como o fator que marca a entrada no *mundo adulto*. (BRASIL, 1998a, p. 105, grifos nossos).

Ao dizer que “no mais das vezes é o trabalho que permite que o jovem tenha acesso ao consumo e ao lazer”, o enunciador reconhece que o lazer não se constituiu como direito social no país, pois apenas aquele que for assalariado poderá ter acesso a ele (além daqueles que pertencem à classe privilegiada, anteriormente mencionada). No documento entrelaçam-se o ideal neoliberal (o trabalho dignificando o homem) e o



desenvolvimentista, que há tanto já marcou o Brasil. Também, importa considerar que a expressão “mundo adulto” poderia facilmente ser substituída por “mundo do consumo”, uma vez que o lazer é colocado aqui (no contexto da globalização) como uma mercadoria, em que o cliente é o jovem/adulto que trabalha. Todas essas impressões confirmam-se na próxima passagem, quando se diz sobre a vivência da condição juvenil hoje:

Para esses adolescentes e jovens, o trabalho, apesar de colocá-los numa situação de exploração, aparece como o passaporte para a liberdade, no qual o salário representa uma ampliação de sua autonomia, pois permite tomar decisões sobre a própria vida. É o salário que permite o acesso ao consumo dos bens culturais que os identificam como jovens, é o trabalho que permite o acesso ao lazer (BRASIL, 1998a, p. 116, grifos nossos).

Impressiona-nos o quão se escancara o pensamento liberal nos PCNs. O trabalho explorado é colocado como libertador-redentor. Dizer que o salário permite ao jovem tomar decisões sobre a própria vida, parece beirar ao sarcasmo. Se a vida é regida pelas necessidades do homem, para os PCNs os adolescentes/jovens “crescem” quando se tornam um consumidor em potencial, que detentor de sua força de trabalho a “vende” em troca de “liberdade”. As distorções sobre liberdade e trabalho no discurso são inúmeras, mas nos chama a atenção a exaltação do trabalho como passaporte para o acesso ao *consumo* dos bens culturais e ao *lazer*. Mas, há que se lembrar: e a massa desempregada de jovens que nada possui? Nem eles, nem seus pais?

Sobre a caracterização da área da Educação Física e a cultura corporal de movimento, fala-se que o lazer tem uma natureza diferenciada do trabalho. Este último representa no discurso um caráter utilitário, ligado às exigências de sobrevivência, enquanto que o lazer seria algo que se possa ocupar por gosto, e não por obrigação, ligado ao lúdico, e por isso, diferenciado do trabalho:

Algumas práticas com motivos de caráter utilitário relacionam-se mais diretamente à realidade objetiva com suas exigências de sobrevivência, adaptação ao meio, produção de bens, resolução de problemas e, nesse sentido, são conceitualmente mais próximas do trabalho. Outras, com motivos de caráter eminentemente subjetivo e simbólico, são realizadas com fim em si mesmas, por prazer e



divertimento. Estão mais próximas do lazer e da fantasia, embora suas origens, em muitos casos, estejam em práticas utilitárias. Por exemplo, a prática do remo, da caça e da pesca por lazer e não por sobrevivência, o caminhar como passeio e o correr como competição e não como forma de locomoção. Assim, às atividades desse segundo agrupamento pode-se atribuir o conceito de atividade lúdica, de certo modo diferenciada do trabalho (BRASIL, 1998b, p. 27-28, grifos nossos).

Dizer que as práticas do lazer “são realizadas com fim em si mesmas” pode nos parecer algo fora da realidade. O tempo destinado ao lazer, dada a alienação pelo trabalho, é direcionado para o descanso (recuperação) para volta ao trabalho ou para outras atividades ligadas à sobrevivência (PADILHA, 2000; PEIXOTO, 2007; PEIXOTO et al., 2009; CUSTÓDIO et al., 2009, CUNHA, 1987), ou seja, na organização atual da sociedade o momento que poderia ser destinado à vivência do lazer para o mais pobre (o tempo que está oposto ao tempo de trabalho) acaba sendo também direcionado à realização de atividades produtivas, trabalhos extras.

No documento introdutório, a linha tênue entre a cultura global e a local (sem que se percam as raízes), entre o que seja universal (a mundialização da cultura) e o que seja singular em cada localidade (as potencialidades individuais), são propostas pelos PCNs (reproduzidas dos documentos internacionais) como desafios para que a educação tente dar conta deles.

Há hoje uma cultura juvenil internacionalmente incentivada pela indústria, pelo comércio e pela publicidade [...]. Essa cultura identifica a juventude fundamentalmente ligada ao seu tempo de lazer e ao consumo a ele relacionado: os jovens são associados à liberdade e à autonomia, buscando no prazer e no consumo uma gratificação imediata. A propagação veloz dessa cultura pelos mais diversos países permite que adolescentes e jovens de diferentes grupos sociais e em diferentes locais do mundo de alguma forma partilhem um mesmo universo cultural juvenil. No entanto, essa cultura não anula, de forma alguma, as diferenças socioculturais, e os jovens dela se apropriam de diferentes formas, dando lugar a uma multiplicidade de vivências culturais — as chamadas culturas juvenis. Ainda que os jovens valorizem o lazer, por exemplo, o tempo a ele dedicado e suas características diferem



entre os diversos grupos sociais e ao longo da história. (BRASIL, 1998a, pp.116-117, grifos nossos)

Acima, os PCNs falam que os jovens de nosso tempo estão submetidos a uma cultura globalizada, “buscando no prazer e no consumo uma gratificação imediata”. Mas, no texto essa não é uma crítica persistente, pois não se aborda os possíveis motivos pelo qual isso acontece. Para os PCNs a propagação de uma cultura global não seria algo ruim, pois essa cultura comum não anularia as diferenças socioculturais, já que o tempo dedicado ao lazer e suas características *diferem entre os diversos grupos sociais e ao longo da história*. Sabemos que os grupos sociais são conceitos mais específicos, e assim o texto acaba desconsiderando as diferenças mais essenciais que são as daqueles que possuem e os que não possuem condições de vivenciar atividades de lazer, sejam elas quais for.

Os PCNs também criticam a desconsideração para com as diferenças culturais: “na escola, a Educação Física pode fazer um trabalho de pesquisa e cultivo de brincadeiras, jogos, lutas e danças produzidos na cultura popular, que *por diversas razões* correm o risco de ser esquecidos ou marginalizados pela sociedade” (BRASIL, 1998b, p. 39, grifos nossos). As razões diversas pelas quais a cultura popular tende a ser esquecida não são citadas, dentre elas a uniformização da cultura, sob a forma de “globalização”. Estariam entre essas razões a ausência de um currículo que leve em consideração a cultura popular? Também, seria a falta de espaços físicos e temporais para o desenvolvimento dessas manifestações? Os PCNs parecem fazer um diagnóstico da situação educacional do país, mas não toca no principal: a precariedade da estrutura e organização das escolas brasileiras.

Sobre a escola, adolescência e juventude na sociedade atual e a vivência da condição juvenil hoje (cultura, lazer e diversão) se diz que:

No processo de estruturação das identidades — individuais e coletivas — o *lazer* aparece, para os adolescentes e jovens, como um espaço particularmente importante. Por ser *menos disciplinado* que a família, a escola e o trabalho, o *lazer* propicia o desenvolvimento de relações de sociabilidade e de experimentação, fundamentais para esse processo. [...] Por todos esses aspectos, o *lazer* se evidencia como uma das dimensões mais significativas da vivência juvenil (BRASIL, 1998a, p. 117, grifos nossos).



Por mais que o trecho acima destaque o lazer como uma “dimensão significativa da vivência juvenil”, acaba por passar aos professores de Educação Física (e demais leitores) que o lazer é o *menos disciplinado* entre a família, a escola e o trabalho. Assim, se por um lado o lazer aqui funciona como uma válvula de escape, por outro o texto acaba passando a ideia de um espontaneísmo do lazer na prática docente. Se a escola é disciplinada (pois a educação escolar é uma “*ajuda intencional, sistemática, planejada e continuada* para crianças, adolescentes e jovens durante um período contínuo e extensivo de tempo” (BRASIL, 1998a, p. 42, grifos nossos)), o texto se contradiz quando diz que o lazer (na escola) propicia o desenvolvimento de relações de experimentação por ser “menos disciplinado”. É como se estivesse dizendo que a escola é disciplinada, mas o lazer não necessariamente precisaria ser, o que eximiria o professor de pensar, planejar conteúdos para serem aplicados nessas atividades.

No documento Introdutório dos PCNs, acerca da contribuição das diferentes áreas de conhecimento, traz-se a Educação Física com destaque para o lazer, pois esta seria “a área do conhecimento que introduz e integra os alunos na cultura corporal do movimento, com finalidades de lazer, de expressão de sentimentos, afetos e emoções, de manutenção e melhoria da saúde” (BRASIL, 1998a, p. 62, grifo nosso). Quanto aos objetivos da Educação Física, diz-se que: “simultaneamente, desenvolve capacidades físicas, que lhe possibilitam expressar emoções e utilizar o corpo, de modo seguro e adequado, em diferentes atividades de trabalho e lazer” (BRASIL, 1998a, p. 73, grifo nosso). O lazer, portanto, é colocado como uma das finalidades da Educação Física.

Ao apresentar especificamente o trabalho da Educação Física nos PCNs (BRASIL, 1998b), o lazer também aparece como finalidade de diversas atividades. Assim, estas devem ser realizadas propiciando aos alunos, ao final do processo, o usufruto ao lazer:

O trabalho de Educação Física nas séries finais do ensino fundamental é muito importante na medida em que possibilita aos alunos uma ampliação da visão sobre a cultura corporal de movimento, e, assim, viabiliza a autonomia para o desenvolvimento de uma prática pessoal e a capacidade para interferir na comunidade, seja na manutenção ou na construção de espaços de participação em atividades culturais, como jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças, *com finalidades de lazer*,



expressão de sentimentos, afetos e emoções (BRASIL, 1998b, p. 15, grifos nossos).

Mais adiante, as aulas de Educação Física aparecem como um momento de fruição corporal e as práticas da cultura corporal de movimento instrumentos para o *lazer* e *recreação* e objetos de estudo “sobre o homem e sua produção cultural”, portanto, uma Educação Física *para* o lazer, com finalidades de lazer, e também de reflexão e estudo:

[...] percebe-se com nitidez que, *embora se trate de instrumentos para o lazer e a recreação, as práticas da cultura corporal de movimento podem constituir-se em objetos de estudo e pesquisa sobre o homem e sua produção cultural. A aula de Educação Física, além de ser um momento de fruição corporal, pode se configurar num momento de reflexão sobre o corpo, a sociedade, a ética, a estética e as relações inter e intrapessoais* (BRASIL, 1998b, p. 86, grifos nossos).

Em certos momentos o discurso liberal parece ser substituído por um discurso que instiga à construção de consciências críticas:

O *lazer* e a disponibilidade de espaços públicos para as práticas da cultura corporal de movimento são necessidades essenciais ao homem contemporâneo e, por isso, direitos do cidadão. Os alunos podem compreender que os esportes e as demais atividades corporais não devem ser privilégio apenas dos esportistas profissionais ou das pessoas em condições de pagar por academias e clubes. Dar valor a essas atividades e reivindicar o acesso a centros esportivos e de *lazer*, e a programas de práticas corporais dirigidos à população em geral, é um posicionamento que pode ser adotado a partir dos conhecimentos adquiridos nas aulas de Educação Física. No âmbito da Educação Física, os conhecimentos construídos devem possibilitar a *análise crítica dos valores sociais*, como os padrões de beleza e saúde, desempenho, competição exacerbada, que se tornaram dominantes na sociedade, e do seu papel como instrumento de exclusão e discriminação social (BRASIL, 1998b, p. 30- 31, grifos nossos) [...] Envolve, portanto, também *o ensino de formas de organização para a reivindicação junto aos poderes públicos de equipamentos, espaços e infraestrutura para a prática de atividades* (BRASIL, 1998b, p. 84)



Dessa forma, o professor deverá contribuir no processo de construção de senso crítico do aluno. Esse ecletismo de concepções mostra a arena de disputa que perpassa a elaboração de um documento, o que acaba refletindo em sua configuração final. Mesmo se anunciando a reflexão, o trecho acima destacado não apaga a direção liberal dada a todo o corpo do texto, dentro de uma relação de dominância que se estabelece, pois se fala em ensinar formas de organização para a reivindicação de locais para atividades de lazer, mas também que “é possível que uma pessoa goste de praticar um ou outro esporte, fazer uma ou outra atividade corporal. Entretanto, apreciar é algo que todos podem fazer e que amplia as possibilidades de *lazer* e diversão”. (BRASIL, 1998b, p. 104)

Essa “colcha de retalhos” e de concepções (mais uma vez) de cunho liberal e ao mesmo tempo crítico mostra o equívoco e o desencontro de tal discurso. Essa tentativa de conciliação se mostra inesgotável (apesar de se parecer mais um resumo de correntes educacionais opostas do que uma tentativa de acordo). Shiroma, Garcia e Campos (2005, p. 7) dizem que “os textos das reformas educativas de muitos países transformaram-se numa bricolagem de peças sobre ensino formando um novo discurso pedagógico¹. A desconstrução dos textos visando compreender o seu processo de produção “torna-se um importante mecanismo de análise, na medida em que permite localizar as inconsistências dos textos, os pontos em que transgride os limites dentro dos quais foi construído”. Assim, um texto não estaria restrito a uma única e harmoniosa leitura, pois é composto por contradições (SHIROMA, GARCIA E CAMPOS, 2005, p. 433).

Adiante, num trecho já destacado acima, no qual a escola é colocada como uma instituição capaz de oferecer aos alunos experiências de aprendizagens que em outro lugar eles não as encontrariam, o mesmo texto também se mostra crítico quando reconhece as desigualdades de condições econômicas e sociais entre as pessoas:

É interessante refletir e considerar a qualidade e a quantidade de experiências de aprendizagem oferecidas pela escola, em relação com o meio sociocultural vivido pelo aluno fora dela, no qual é bombardeado pela indústria de massa da cultura e do *lazer* com

¹ *Bricolage* é a atividade de aproveitar coisas usadas, quebradas ou apropriadas para uso, em um novo arranjo ou em uma nova função. (SHIROMA, GARCIA e CAMPOS, 2005)



falsas necessidades de consumo, carregado de mitos de saúde, desempenho e beleza, de informações pseudocientíficas e falácias. Em suma, uma sociedade que promete para muitos e viabiliza para poucos. (BRASIL, 1998b, p. 46, grifos nossos)

“Uma sociedade que promete para muitos e viabiliza para poucos”: de que sociedade se está falando? Quem deveria viabilizar o lazer para todos, e não para poucos? Torna-se necessário lembrar que o artigo 6º da Constituição Federal (1988) diz que são direitos sociais a educação, a saúde, o trabalho, a moradia, o *lazer*, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados (BRASIL, 1988) e que sua provisão é, portanto, uma obrigação do Estado para com o cidadão.

Há no texto um chamamento à comunidade para intervir e à Educação Física para transpor a escola:

*O diálogo permanente com a comunidade próxima pode ser cultivado franqueando espaço para o desenvolvimento de produções relativas ao *lazer*, à expressão e à promoção da saúde, assim como ultrapassando os muros escolares na busca de informações e produções desta natureza. A escola pode buscar na comunidade pessoas e instituições que dominem conhecimentos relativos a práticas da cultura corporal e trazê-las para o seu interior. Academias de capoeira, escolas de samba, grupos de danças populares, sindicatos e associações de classe que cultivem práticas esportivas são freqüentados pelos próprios alunos e podem estabelecer um diálogo permanente com a instituição escolar.* (BRASIL, 1998b, p. 84, grifos nossos)

Ao dizer que a escola pode buscar na comunidade mão-de-obra para nela trabalhar, o Estado se exime de oferecer profissionais habilitados para essas atividades que não teriam que estar necessariamente na escola, mas num outro espaço público coletivo. Calcada no voluntarismo, tal iniciativa barateia o custo de contratação de pessoas qualificadas para atuar em outros espaços e em atividades culturais.

Mais adiante, surpreendentemente temos a seguinte constatação:

Na sociedade contemporânea assiste-se ao cultivo de atividades corporais praticadas em ambientes abertos e próximos da natureza.



São exemplos dessa valorização o *surfe*, o *alpinismo*, o *bice-cross*, o *jet-ski*, entre os esportes radicais; e o *montanhismo*, as caminhadas, o *mergulho* e a *exploração de cavernas*, entre as atividades de *lazer* ecológico. [...] As características básicas de algumas dessas modalidades, como o individualismo, a busca da emoção violenta (adrenalina), a necessidade de equipamentos sofisticados e caros, devem ser discutidas e compreendidas no contexto da indústria do *lazer* (BRASIL, 1998b, p. 40, grifos nossos).

Aqui parece haver uma total ocultação da realidade brasileira, daquela realidade em que as crianças e adolescentes que frequentam a escola pública mal têm condições de sobreviver. No trecho acima ficamos em dúvida sobre qual país se fala. Talvez a colaboração de consultores de outro país na formulação desses documentos possa explicar, em parte, tal desconsideração.

Portanto, quando se usa de ecletismo para propor diretrizes curriculares para o ensino, os PCNs acabam por transformarem-se num instrumento alienador. Ainda, constituírem-se num retrato característico de sua época, na qual o Brasil ansiava alcançar novos patamares no desenvolvimento. Impressiona-nos que, mesmo com tantos equívocos, os PCNs ainda permanecem como as propostas curriculares vigentes em nosso país. Daí a relevância em buscar desvelar os determinantes sociais que colocam o lazer como apêndice e retiram dele seu sentido de direito social.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10520: Informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 6023: Informação e documentação - referências - Elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. NBR 6024: Informação e documentação – Numeração progressiva das seções de um documento escrito – Apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. NBR 14724: Informação e documentação - Trabalhos acadêmicos - Apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, 1988.



_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física / Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998a.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC /SEF, 1998b.

_____. Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CUNHA, Newton. A felicidade imaginada: a negação do trabalho e do lazer. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PADILHA, V. Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito. Campinas: Alínea, 2000.

PEIXOTO, Elza; PEREIRA, Maria de Fátima R.; LOMBARDI, José Claudinei; FREITAS, Francisco Máuri de Carvalho. Estudo da categoria modo de produção da existência na obra de Marx Engels e suas implicações para a compreensão da problemática do lazer: relatório final do projeto 04927. Revista Motrivivência. Florianópolis, Ano XXI, Nº 32/33, p. 352-374 Jun-Dez./2009.

PEIXOTO, Elza Margarida de Mendonça. Estudos do lazer no Brasil: apropriação da obra de Marx e Engels, 2007, 304 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2007.

_____. Notas introdutórias sobre a teoria e as categorias centrais para a pesquisa da problemática do lazer. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 332-346, 2011. - issn: 1676-2584 332. Disponível em: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/41e/art23_41e.pdf>. Acesso em: 4 de jul. 2011.

SHIROMA, Eneida Oto; CAMPOS, Roselane Fátima; GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Decifrar textos para compreender a política: subsídios teórico-metodológicos para análise de documentos. Perspectiva, Florianópolis, v. 23, nº 2, pp.427-446, jul./dez., 2005.



A PRÁTICA DE ALGUNS ESPORTES DE AÇÃO E AVENTURA NA CIDADE DE DOURADOS/MS

Cristiane Romi Schneider Rozin,
Zelia Aparecida Milani Parizotto

RESUMO

Este trabalho objetivou verificar a prática do Skate, do Ciclismo e do Mountain Bike na cidade de Dourados/MS, assim como o perfil dos praticantes, os espaços utilizados, preparação física, acompanhamento pelo profissional de Educação Física e dificuldades existentes nesta região. O estudo consistiu em uma pesquisa de campo, descritiva, de corte transversal e de abordagem quantitativa. Pelos resultados obtidos, concluiu-se que é necessária a conscientização dos praticantes quanto a atuação do profissional de Educação Física, bem como proporcionar acompanhamento adequado e ações por parte dos governantes para incentivo e/ou melhoria das condições para o desenvolvimento de atividades de ação e aventura na cidade.

Palavras-chave: Esporte de Ação e Aventura; Lazer; Natureza.

THE PRATICE OF SOME ACTION AND ADVENTURE SPORTS IN DOURADOS -CITY - MS

ABSTRACT

This work aimed to verify the practice of Skate, the Cycling and Mountain Bike in Dourados /MS, as well as the practitioners backgrounds, the spaces used, physical training, monitoring by the physical education professional and problems available in this area. The present study consisted in a exploratory research, descriptive, transversal cut and quantity approach. The results obtained indicate that it is the awareness of practitioners and the need of physical education professional as well as provide proper monitoring and actions by governments to encourage and/or improving conditions for the development of activities for action and city adventure.



Keywords: Action and Adventure Sports; Leisure; Nature.

LA PRACTICA DE ALGUNOS DEPORTES DE ACCIÓN Y AVENTURA EN LA CIUDAD DE DOURADOS/MS

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo verificar la práctica de patín, el ciclismo y bicicleta de montaña en la ciudad de Dourados / MS, así como el perfil de los practicantes, el espacio utilizado, preparación física, el control de lo profesional de la Educación Física y las dificultades existentes en esta región. El estudio consistió en una investigación de campo, enfoque descriptivo, transversal y cuantitativo. Los resultados obtenidos mostraron que hai que concienciar los practicantes del papel de lo profesional de educación física em La orientacion y proporcionar un adecuado seguimiento y acciones de los gobiernos para fomentar y / o mejorar las condiciones para el desarrollo de actividades y acciones de la aventura em la ciudad.

Palabras clave: Deportes de Accion y Aventura, Ocio, Naturaleza.

1. INTRODUÇÃO

Os esportes de ação e aventura tiveram uma grande valorização no meio social, no Brasil a partir de 1960 e, por sua vez, tem apresentado novas significâncias perante a sociedade, sendo o surf o grande precursor destas atividades, e, a partir dele, outros esportes foram agregados a esta terminologia, alguns originários do próprio surf: Skysurf, Snowboard, Windsurf, Wakeboard e o próprio Skate, e outros como Bungee Jump, Rafting, Rapel, escalada e tantos outros (BRANDÃO, 2010; HONORATO, 2004).

No meio esportivo, os esportes de ação e aventura estão despertando a curiosidade de inúmeras pessoas, deixando, desta maneira, este tipo de modalidade muito popular no



cenário esportivo. Algumas situações são comuns entre os praticantes do esporte de ação e aventura, tais como: os riscos do perigo, aventura, adrenalina e superação dos próprios limites, pois eles buscam o desafio e o prazer que estas modalidades oferecem (PAIXÃO, 2010).

Os esportes de ação e aventura possuem múltiplos adeptos na sociedade moderna, na qual milhares de pessoas estão envolvidas não apenas na sua prática, mas também profissionalmente e/ou como uma nova maneira de viver. Este fato é constatado tanto pelas pessoas que praticam o esporte em si, como também pelas pessoas que acompanham suas provas esportivas ou ainda, aqueles que estão ligados aos produtos destinados à prática das mais variadas modalidades de esportes (TEIXEIRA, 2005).

Para o autor acima citado, milhares de pessoas, por meio do esporte, estabelecem direta ou indiretamente diversas relações com essa prática social. Por isso, é considerável que o esporte como prática social possa ser compreendido como uma rede complexa de relações dentro do modelo de sociedade que o produz, dando-lhe sentido e significado, na qual esta mesma sociedade passa a relacionar o esporte como um lazer.

Dumazedier (1994) descreve o lazer como um complexo de ações às quais as pessoas podem se entregar a bel prazer, podendo ser para repousar, divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares ou sociais.

É por meio das diversas atividades realizadas no ambiente do lazer, que é possível ao ser humano adquirir e aprimorar os aspectos relacionados à saúde e ao bem-estar geral, ao possibilitar experiências que possam se adequar às suas próprias necessidades, interesses e preferências (SANTOS, 2008). Por isso, Lima (2007) complementa que a definição de lazer é imensa, pois qualquer atividade pode ser considerada um lazer se proporcionar prazer, divertimento e desenvolvimento a quem pratica, pode até ser a não-atividade, o ócio, como por exemplo, o descanso. Até uma atividade profissional ou uma obrigação torna-se um lazer para quem gosta e faz apenas para se divertir e relaxar.

Desta forma, partindo da importância que esta modalidade tem adquirido nos últimos anos, com a oferta esportiva e turística de atividades de ação e aventura na mídia e pelos benefícios que o esporte pode proporcionar à saúde física e mental do ser humano, uma vez que por meio do esporte diminui-se o estresse, que atualmente é considerado o grande vilão da saúde do homem, tornou-se justificável a realização deste estudo trazendo informações das atuais condições desta modalidade para proporcionar o desenvolvimento quantitativo desta modalidade na cidade de Dourados/MS.



Esta pesquisa exploratória envolveu reflexões referentes aos esportes de ação e aventura, tendo por objetivo verificar a prática das seguintes modalidades de esportes de ação e aventura na cidade de Dourados-MS e no seu entorno: Skate, Ciclismo e Mountain Bike; objetivando ainda, mapear os espaços existentes para a prática destes esportes, identificando o perfil dos praticantes, os principais fatores que os motivam à sua prática, verificando a existência ou não de preparação física, bem como a existência ou não de acompanhamento por profissionais de Educação Física e elencando, ainda, as principais dificuldades enfrentadas por esses esportistas.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo consistiu em uma pesquisa de campo, descritiva, de corte transversal e de abordagem quantitativa (LAKATOS; MARCONI, 2001), realizando-se a observação direta intensiva dos locais em que as modalidades são praticadas, sendo registradas por meio de entrevista estruturada dos praticantes das modalidades, com aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Unigran, sob o protocolo 121/11.

Os sujeitos do estudo foram 32 praticantes de Esportes de Ação e Aventura, sendo que 12 praticam Ciclismo, 08 praticam mountain bike, 12 praticam Skate, selecionados aleatoriamente entre indivíduos adultos, com idade acima dos 18 anos, de ambos os sexos, adeptos das atividades físicas em foco no estudo, utilizando como instrumento de pesquisa um questionário de Falconi (2007).

A pesquisa foi realizada na cidade de Dourados/MS e no seu entorno, cujos locais e respectivos endereços são citados, por entender que esta ação possa contribuir para divulgação das práticas desenvolvidas, sendo eles: para o Ciclismo na rodovia BR 163/MS saída para Campo Grande, entre os Km 258 e Km 280 (trecho duplicado); para a Mountain Bike, o trecho utilizado passa pela “matinha” que vai no sentido Dourados- Ponta Pora, Km 11 da Rodovia BR 463/MS, além de, na “Trilha dos 3 tubos” no KM 5 desta mesma Rodovia; para o Skate, a pista da loja OM Confecções, Rua Antonio Emílio de Figueredo, 1995, Centro de Dourados/MS e a Praça do Parque Alvorada, situada na rua Arael Pompeu Filho ao Lado da Escola Municipal de Dourados/MS, Aurora Pedrosa.

Os dados recolhidos foram trabalhados por meio de estatística descritiva e os resultados apresentados por meio de frequência dos dados tanto em números absolutos quanto relativos, para isto foi utilizado o programa Microsoft Excel, para a construção de figuras para melhor representar os resultados obtidos no questionário (VIEIRA; HOSSNE,



2001).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a modalidade Ciclismo, os indivíduos selecionados aleatoriamente (n=12) estavam na faixa etária entre 18 e 58 anos, apenas do sexo masculino, sendo 75% casados e os demais solteiros. A maioria possui o ensino médio 75%, superior 25% das mais variadas profissões. A renda mensal varia de R\$ 616,00 a R\$ 5.000,00 (Figura 1).

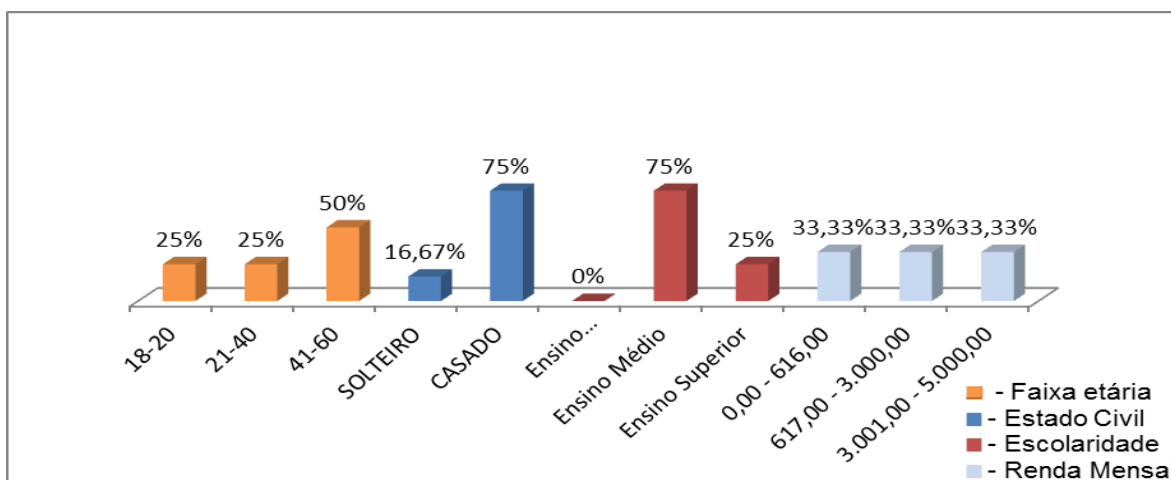


Figura 1: Identificação dos indivíduos que praticam a modalidade Ciclismo em porcentagem: faixa etária, estado civil, escolaridade e renda mensal, respectivamente.

Fonte: Dados da pesquisa

Na modalidade Mountain Bike, os indivíduos selecionados aleatoriamente (n= 8) estavam na faixa etária entre 18 e 37 anos, apenas do sexo masculino, sendo 50% solteiros 37,5%, casados e 12,5% divorciados. A maioria possui o ensino superior 75%, médio 12,5%, especialização 12,5% das mais variadas profissões. A renda mensal varia de R\$ 400,00 a R\$ 4.500,00 (Figura 2).

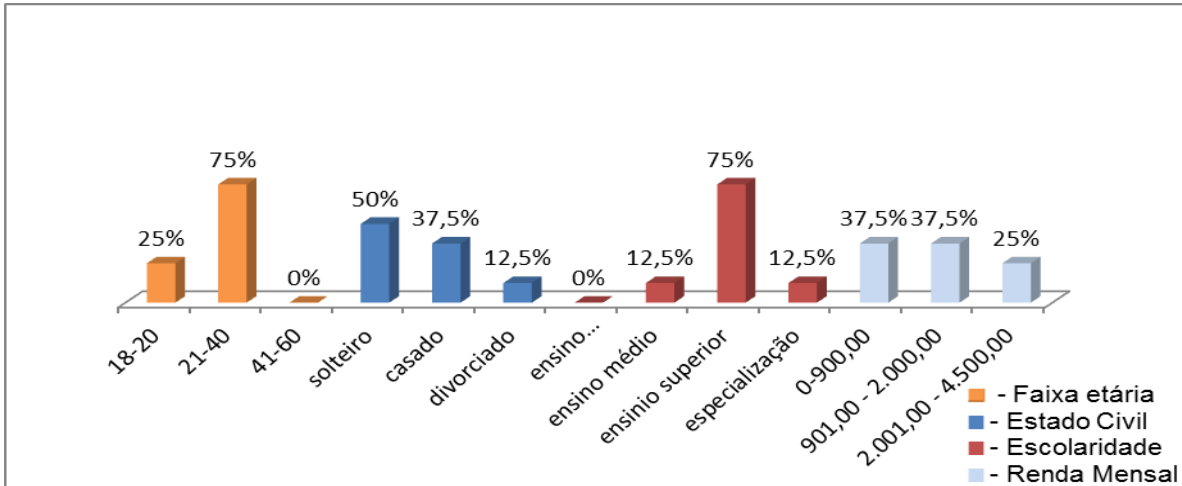


Figura 2: Identificação dos indivíduos que praticam a modalidade Mountain Bike em porcentagem: faixa etária, estado civil, escolaridade e renda mensal, respectivamente.

Fonte: Dados da pesquisa

Já na modalidade Skate, os números de indivíduos selecionados aleatoriamente (n=12) estavam na faixa etária entre 18 e 25 anos, apenas do sexo masculino, sendo todos solteiros. A metade possui o ensino médio 50%, fundamental 41,67%, superior 8,33%, das mais variadas profissões, sendo a maioria estudantes. A renda mensal varia de R\$ 210,00 a R\$ 4.000,00 (Figura 3).

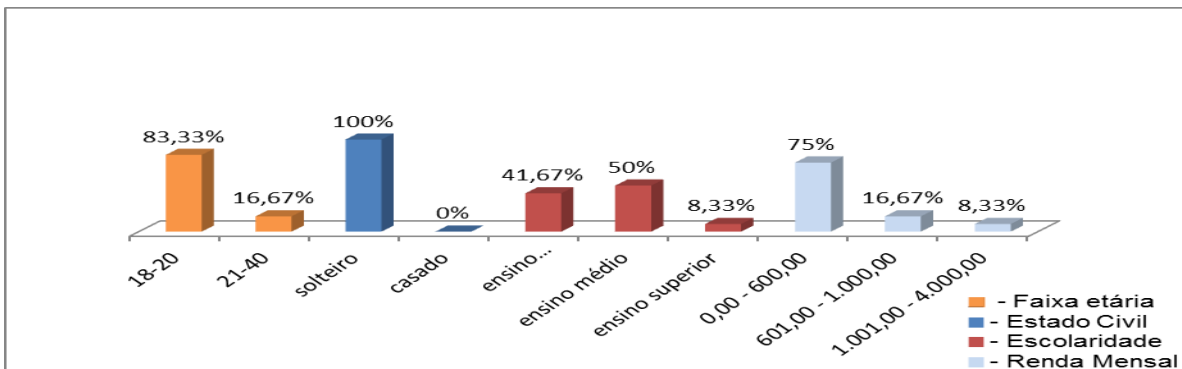


Figura 3: Identificação dos indivíduos que praticam a modalidade Skate em quantidade: faixa etária, estado civil, escolaridade e renda mensal, respectivamente.



Fonte: Dados da pesquisa

Assim como Galliano e Mayer (2009), verificou que os perfis dos indivíduos praticantes do Skate são jovens, mas há convivência de indivíduos jovens com adultos. Da mesma forma, a pesquisa realizada pelo DATAFOLHA em 2006, a pedido da Confederação Brasileira de Skate descreve os mesmos perfis: os praticantes são predominantemente do sexo masculino (85%); a modalidade de esporte é praticada por pessoas jovens com concentração nas idades até 15 anos (64%). Na faixa dos 16 aos 20 anos há o percentual de 24%, existindo ainda uma parcela de praticantes com idades acima de 21 anos (12%); entre os praticantes há a predominância das classes sociais B e C, com cerca de (76%) de menções positivas para a existência de praticantes do esporte.

Quanto à frequência com que os indivíduos praticam a modalidade e a duração da atividade, verificou-se que 50% dos indivíduos que praticam o Ciclismo o fazem de 4 a 5 vezes na semana, 25% de 2 a 3 vezes, 16,67% de 6 a 7 vezes na semana, 8,33% apenas nos finais de semana, com duração da atividade acima de 90 minutos (75%); (25%) entre 30 e 90 minutos, respectivamente, sendo que 75% já praticam a modalidade há mais de dois anos, 16,67% há mais de seis meses e 8,33% há mais de um ano. Os que praticam o Skate 33,33% o fazem de 2 a 3 vezes por semana, 25% de 4 a 5 vezes por semana e 33,34% apenas aos finais de semana ou uma vez por semana, com duração acima de 90 minutos, 66,67%, os demais de 30 a 90 minutos, sendo que 50% já praticam a modalidade há mais de dois anos, 8,33% há mais de seis meses e 41,67% iniciaram a prática recentemente. Os que praticam o Mountain Bike 62,5% o fazem de 2 a 3 vezes na semana, 25% de 6 a 7 vezes e 12,5% apenas uma vez na semana, com duração acima de 90 minutos 100%, sendo que, 87,5% já praticam a modalidade há mais de dois anos e os demais 12,5% há mais de seis meses.

A realização do alongamento antes e depois da prática das modalidades não é uma preocupação dos indivíduos, já que os que a executam não é a maioria, conforme os percentuais obtidos para esta prática entre cada modalidade: 41,67% dos indivíduos que praticam Ciclismo; 25% dos que praticam Mountain Bike e 41,67% dos que praticam Skate; os demais indivíduos nem sempre praticam, alguns poucos apenas antes da modalidade. Ao contrário do alongamento, a prática de exercícios físicos para condicionamento aeróbico, resistência e de força muscular, com duração de até 90 minutos, 75% acreditam possuir uma relevância maior entre toda a amostra, sendo que, para os indivíduos que praticam o Ciclismo 66,67%. Para os praticantes de Mountain Bike, a relevância é dada pela metade dos praticantes 50%, sendo com duração de até 90 minutos entre todos da amostra desta modalidade; e para os Skatistas, não há relevância, já que



66,67% não praticam exercícios físicos para condicionamento aeróbico, resistência e de força muscular (Figuras 4, 5 e 6).

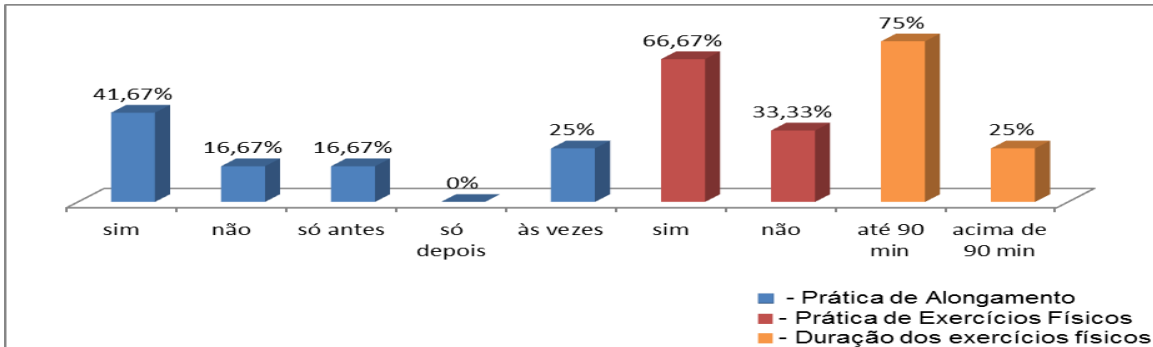


Figura 4: Prática e período de alongamento, prática de exercícios físicos para condicionamento aeróbico, resistência e de força muscular e duração para resposta afirmativa, respectivamente, pelos praticantes do Ciclismo, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa

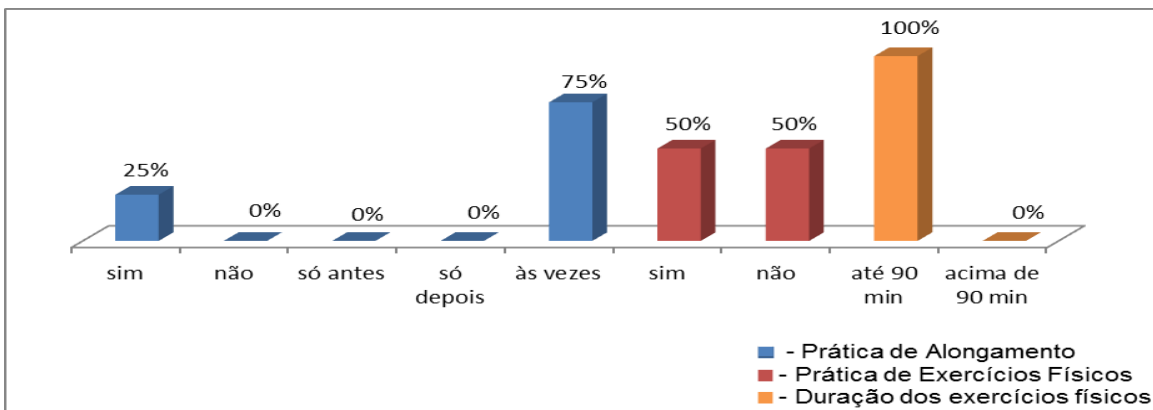


Figura 5: Prática e período de alongamento, prática de exercícios físicos para condicionamento aeróbico, resistência e de força muscular e duração para resposta afirmativa, respectivamente, pelos praticantes do mountain bike, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa

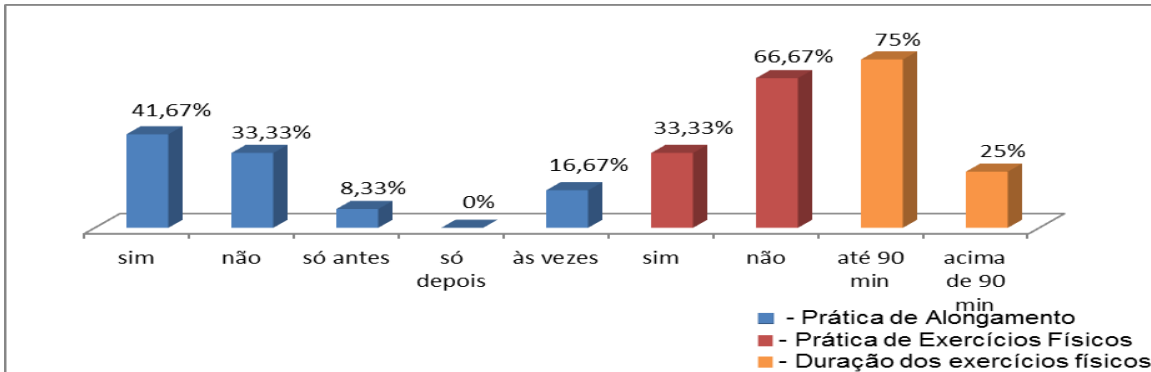


Figura 6: Prática e período de alongamento, prática de exercícios físicos para condicionamento aeróbico, resistência e de força muscular e duração para resposta afirmativa, respectivamente, pelos praticantes do Skate, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa

Greco (2006) atenta para um bom condicionamento aeróbico de forma geral, mas quanto à quantidade de massa muscular envolvida e tipo de contração muscular, a preparação deve ser feita de forma específica para cada modalidade, mesmo que o objetivo não seja a competição, com duração entre 30 minutos, de 10 a 12 horas ou mais, e isto significa que haverá a necessidade de treinamento específico nas faixas citadas de intensidade e duração, essencialmente para o condicionamento aeróbico e de força muscular.

A maioria absoluta não possui acompanhamento do Profissional de Educação Física: 91,67% dos que praticam o Ciclismo, 87,5% dos que praticam mountain Bike, 83,34% dos que praticam Skate. Os principais motivos são de que não consideram necessários: 45% dos que praticam Ciclismo, 51,14%, dos que praticam Mountain Bike e 50% dos Skatistas, ou porque não possuem recursos financeiros suficientes: 45,45% dos que praticam Ciclismo, 14,28% dos que praticam Mountain Bike e 20% dos Skatistas, ou ainda, porque não sabem como contratar um profissional: 9,1% dos que praticam Ciclismo, 28,57% dos que praticam Mountain Bike e 20% dos Skatistas (Figuras 7, 8 e 9).

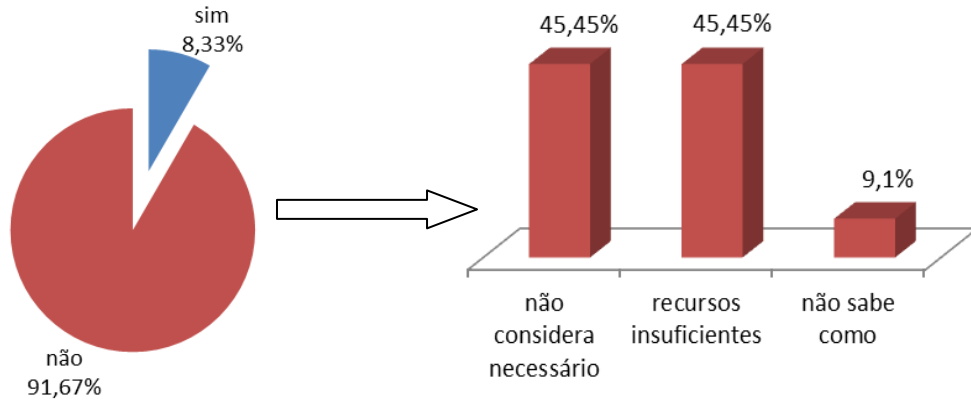


Figura 7: Acompanhamento profissional dos praticantes de Ciclismo e respectivos motivos para resposta negativa, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

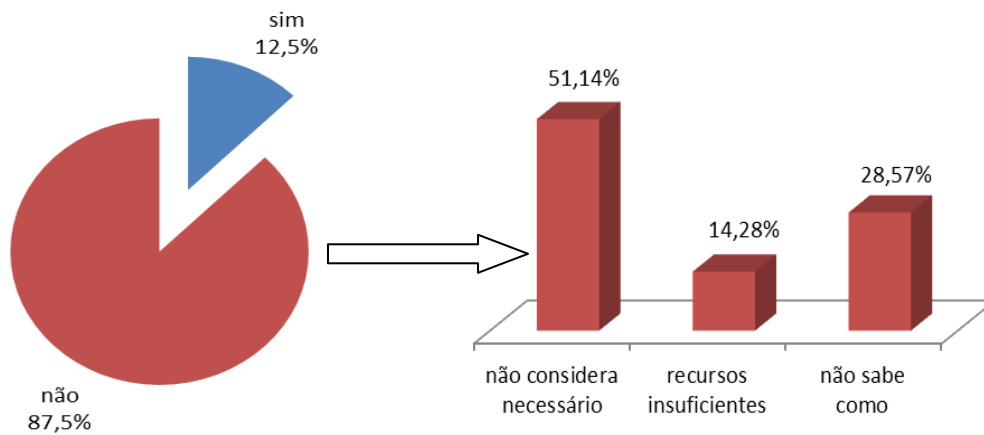


Figura 8: Acompanhamento profissional dos praticantes de Mountain Bike e respectivos motivos para resposta negativa, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

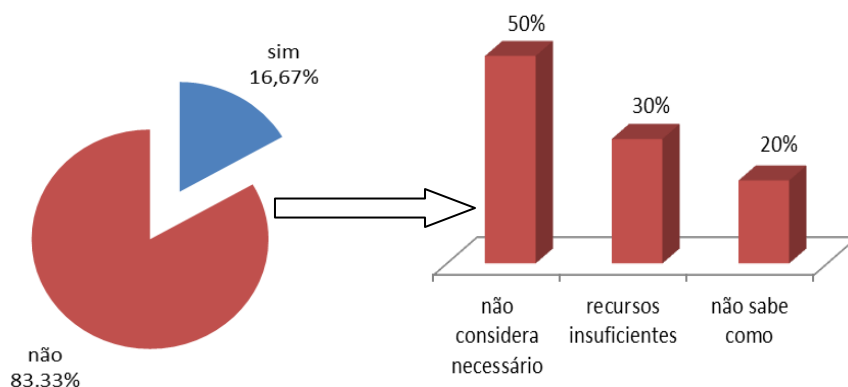


Figura 9: Acompanhamento profissional dos praticantes de Skate e respectivos motivos para resposta negativa, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao contrário dos resultados obtidos entre a amostra, Ferreira (2009) aponta que os profissionais de saúde incentivam a prática de exercícios físicos, mas a figura do professor de Educação Física é primordial para estes atletas, pois não é recomendável que as pessoas comecem a subir montanhas, realizar trilhas e participarem de competições de grande impacto sem o acompanhamento de um profissional especializado, uma vez que somente com técnicas aprimoradas, os competidores conseguiram aperfeiçoamento físico, psicológico, condicionamento cardiorrespiratório e músculo-esquelético para a realização das atividades físicas.

Os motivos de aderência às modalidades para os praticantes de Ciclismo mais indicados foram, em ordem de prioridade, a qualidade de vida 83,33%, a socialização 75%, e, no mesmo nível de prioridade, o lazer, a diversão, adrenalina, sair da rotina, a sensação de liberdade e o prazer que a modalidade proporciona 66,67% (Figura 10).

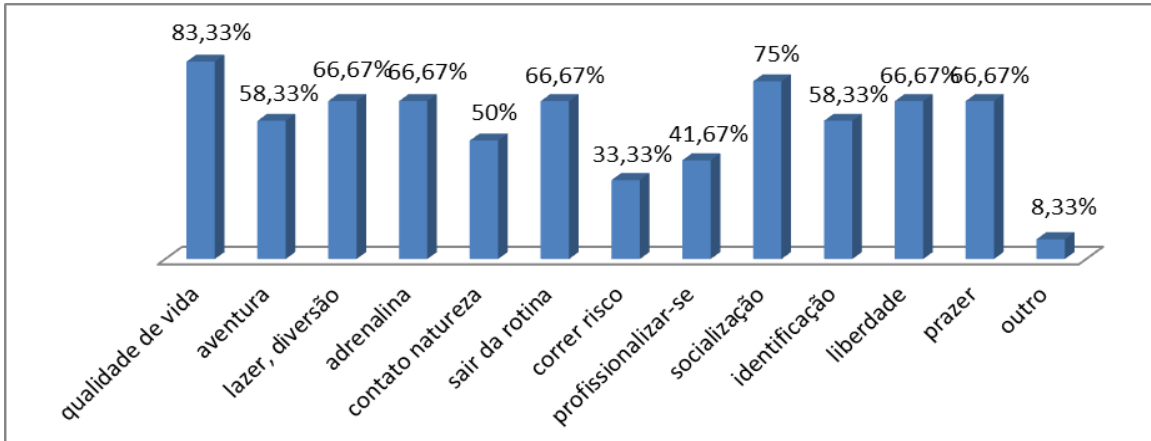


Figura 10: Aspectos motivacionais de aderência à modalidade Ciclismo, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

Para os praticantes de Mountain Bike, os motivos mais indicados foram, em ordem de prioridade, a aventura 100%, o lazer e a diversão 87,5%, a qualidade de vida e a adrenalina 50%, o prazer 50%, seguida da socialização 37,5% (Figura 11).

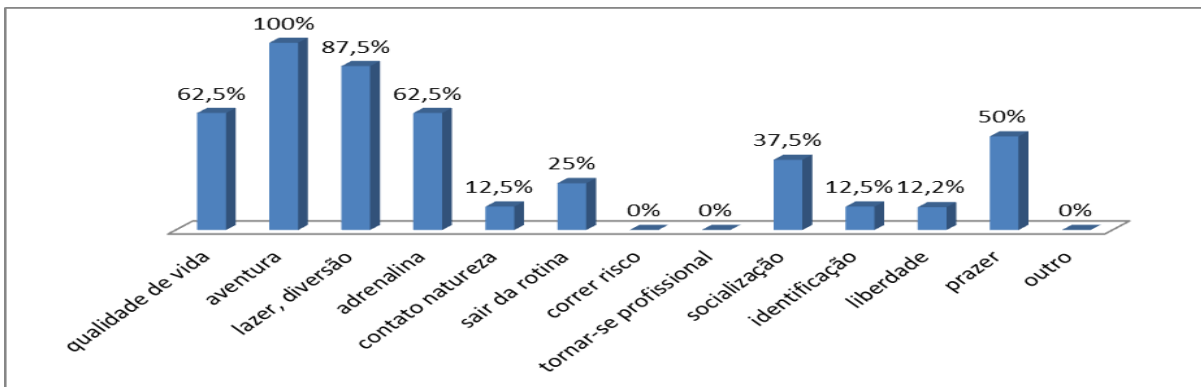


Figura 11: Aspectos motivacionais de aderência à modalidade mountain bike, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

Já para os Skatistas, os motivos mais indicados foram, em ordem de prioridade, a aventura, o lazer e a diversão, e a adrenalina 58,33%, seguida pela qualidade de vida 50% e



pela identificação com a modalidade, a liberdade e o prazer que a prática proporciona 41,68% (Figura 12).

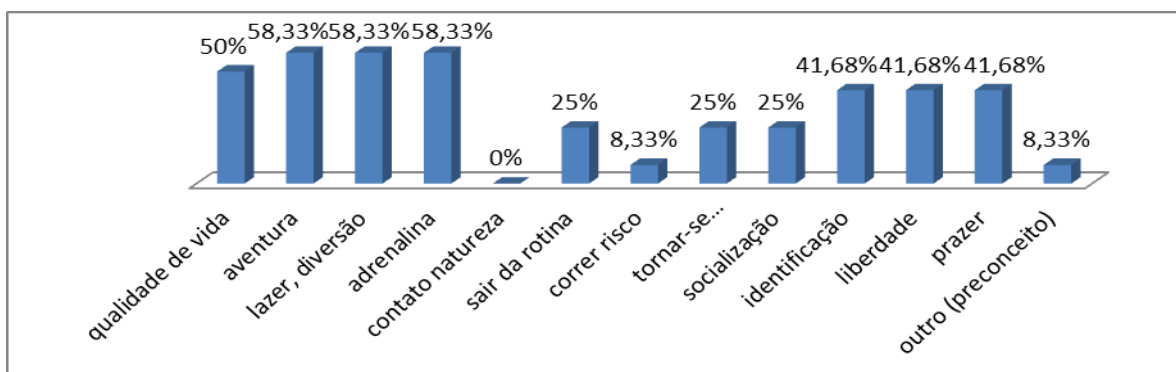


Figura 12: Aspectos motivacionais de aderência à modalidade Skate, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com Almeida (2009), o perfil dos praticantes de Mountain Bike e de Skate apresenta natureza de aventura e lazer, ou seja, esta prática é movida pelo que a modalidade significa para o praticante, pela sua intenção ao praticar e pelas razões para vivenciá-la, servindo de referencial para compreensão de suas motivações determinantes para a prática de cada modalidade; a aventura proporcionada pela atividade recebe o destaque, assim como é uma forma de lazer ativo. Assim como no estudo de Tahara e Carnicelli Filho (2009), identificou-se nos indivíduos pesquisados, uma grande preocupação com a qualidade de vida, como também um desejo pelas sensações de perigo (risco, adrenalina, aventura).

O uso de roupas apropriadas é feito pela maioria dos participantes: 100% dos que praticam Ciclismo; 87,5% dos que praticam Mountain Bike e 91,67% dos que praticam Skate. Entretanto, o mesmo não acontece com o uso de equipamentos de segurança pelos Skatistas, já que 83,33% não fazem uso, por considerarem desconfortáveis, 58,33% ou por não possuírem recursos financeiros para aquisição dos mesmos 33,33%, ou por não achar necessários 8,35%. A maioria dos praticantes das outras modalidades usa equipamentos de segurança: 100% para o Ciclismo e 87,5% para o Mountain Bike, sendo que a maioria dos que não usam possuem os mesmos motivos em ambas as modalidades (Figuras 13, 14 e 15).

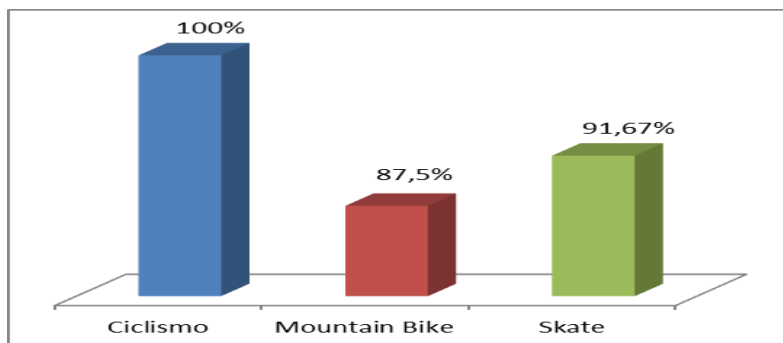


Figura 13: Respostas afirmativas para o uso de roupas apropriadas pelos praticantes das modalidades Ciclismo, mountain bike e Skate, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

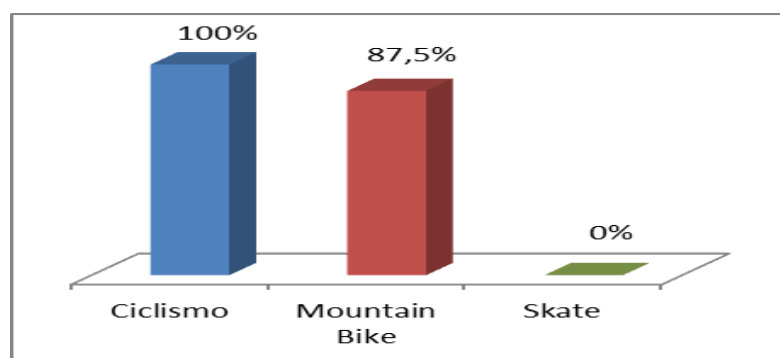


Figura 14: Respostas afirmativas para o uso de equipamentos de segurança pelos praticantes das modalidades Ciclismo, mountain bike e Skate, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

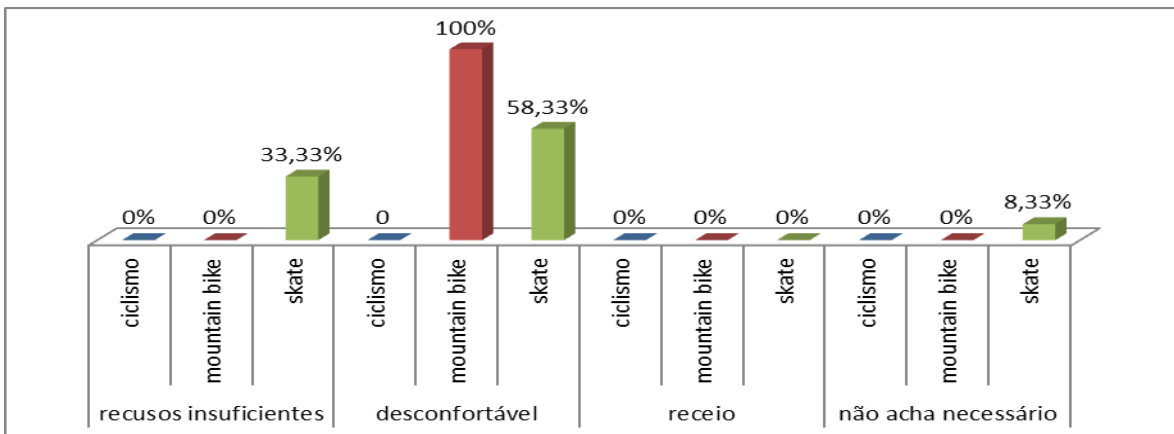


Figura 15: Motivos pelos quais os praticantes das modalidades não usam equipamentos de segurança, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

Todos os praticantes das modalidades fazem uso regular de água, com raras exceções, mas quanto à dieta saudável, depende da modalidade: 66,67% para os praticantes do Ciclismo, 50% para os praticantes do Mountain Bike e 8,33% para os Skatistas (Figuras 16 e 17).

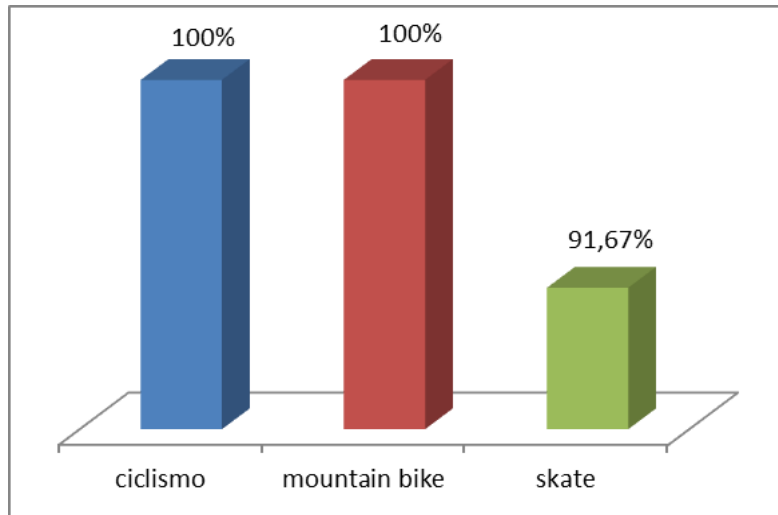


Figura 16: Respostas afirmativas para o uso regular de água pelos praticantes das modalidades de Ciclismo, mountain bike e Skate, em porcentagem.

Fonte: Dados da Pesquisa

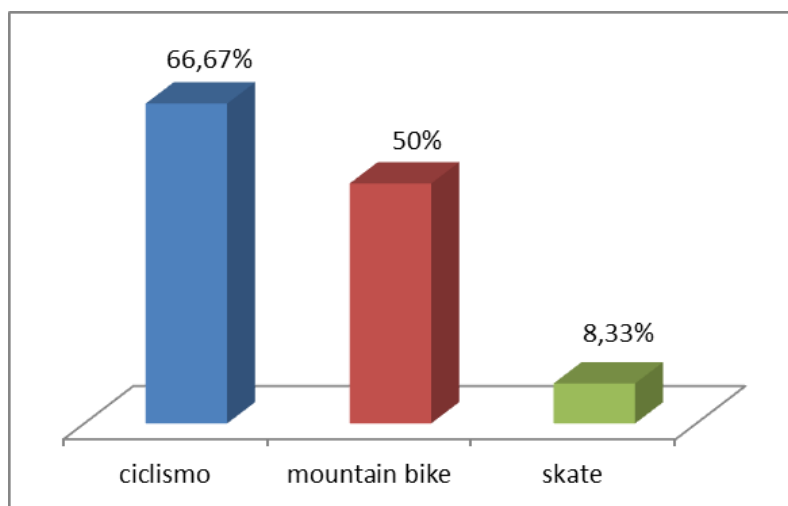


Figura 17: Uso de dieta específica para os praticantes das modalidades Ciclismo, mountain bike e Skate, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.



A incidência de acidentes entre os praticantes das modalidades estudadas são: 50% para os praticantes de Ciclismo, 25% para os praticantes de Mountain Bike, e 33,33% para os praticantes de Skate, sendo que, dos que sofreram acidentes, a maior parte teve apenas um: 66,67% para os praticantes de Ciclismo, 100% para os praticantes de Mountain Bike, com exceção para os praticantes de Skate em que a maior parte sofreu de 2 a 4 acidentes, 50% (Figuras 18, 19 e 20).

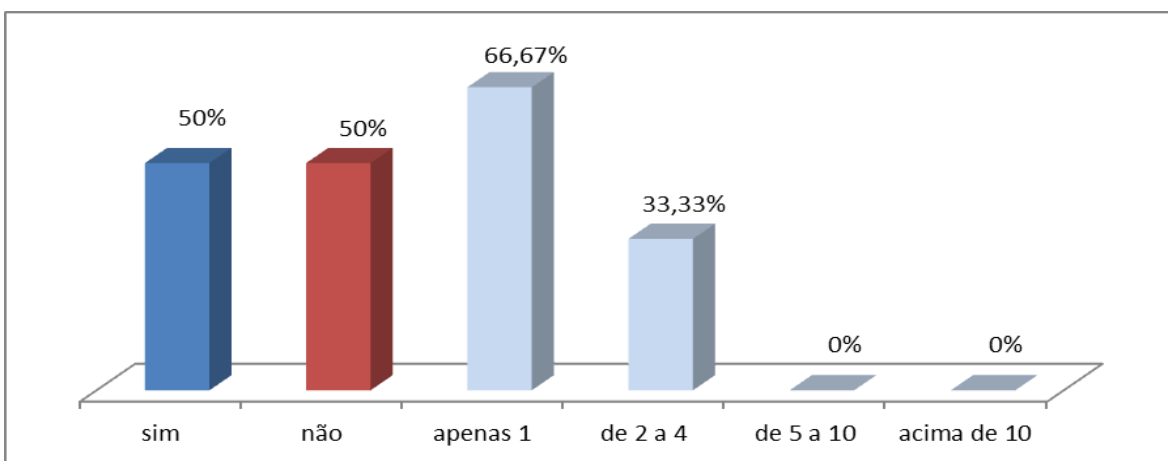


Figura 18: Incidência de acidentes graves e respectiva quantidade com os praticantes de Ciclismo, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

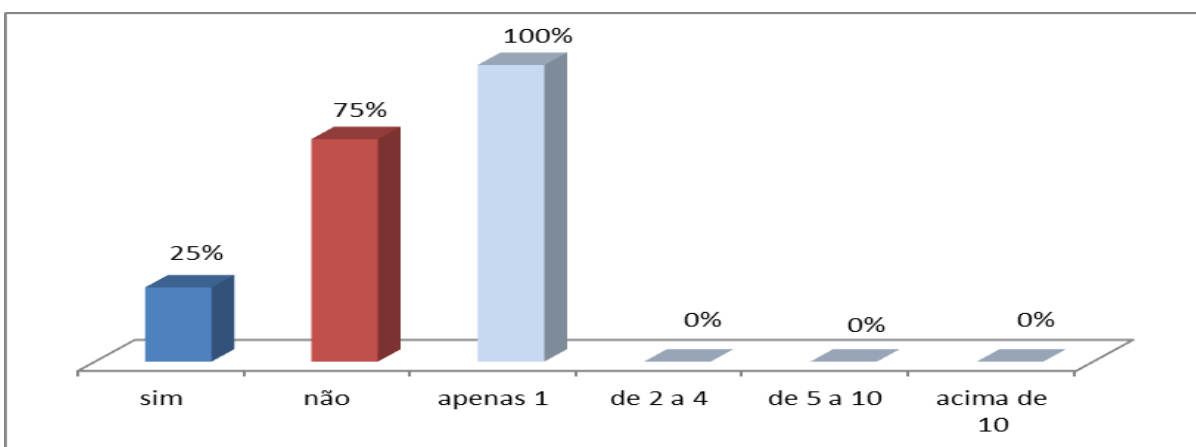




Figura 19: Incidência de acidentes graves e respectiva quantidade com os praticantes de Mountain bike, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

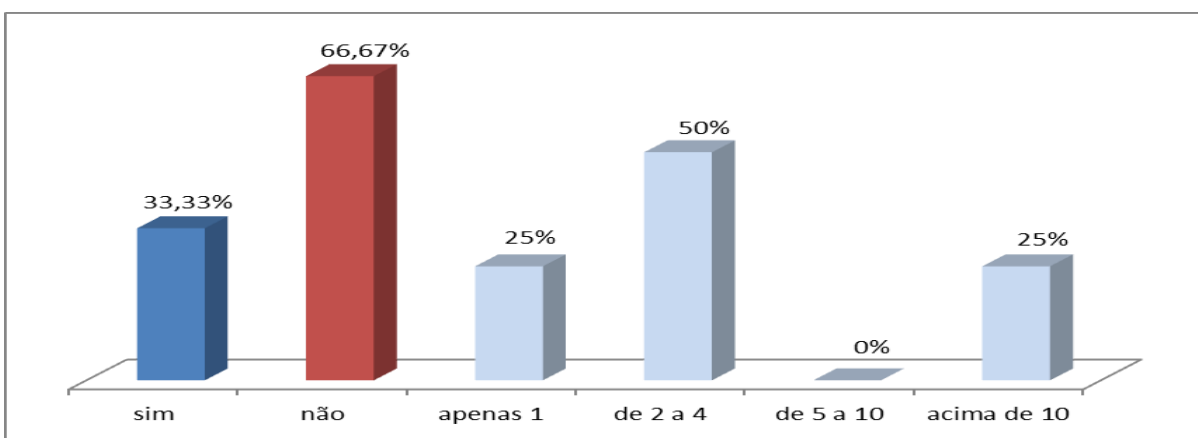


Figura 20: Incidência de acidentes graves e respectiva quantidade com os praticantes de Mountain bike, em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

A maioria dos indivíduos pesquisados pratica a modalidade em outro local que o estudado: 50% dos praticantes de Ciclismo; 62,5% dos praticantes de Mountain Bike e 75% dos que praticam Skate.

Entre as dificuldades encontradas para a prática das modalidades estudadas, verificou-se que o local apropriado e a ausência de incentivo figuram entre as mais citadas: 58,33% para os praticantes de Ciclismo, 37,5% para os praticantes de Mountain Bike e 41,5% para os praticantes de Skate (Figura 21).

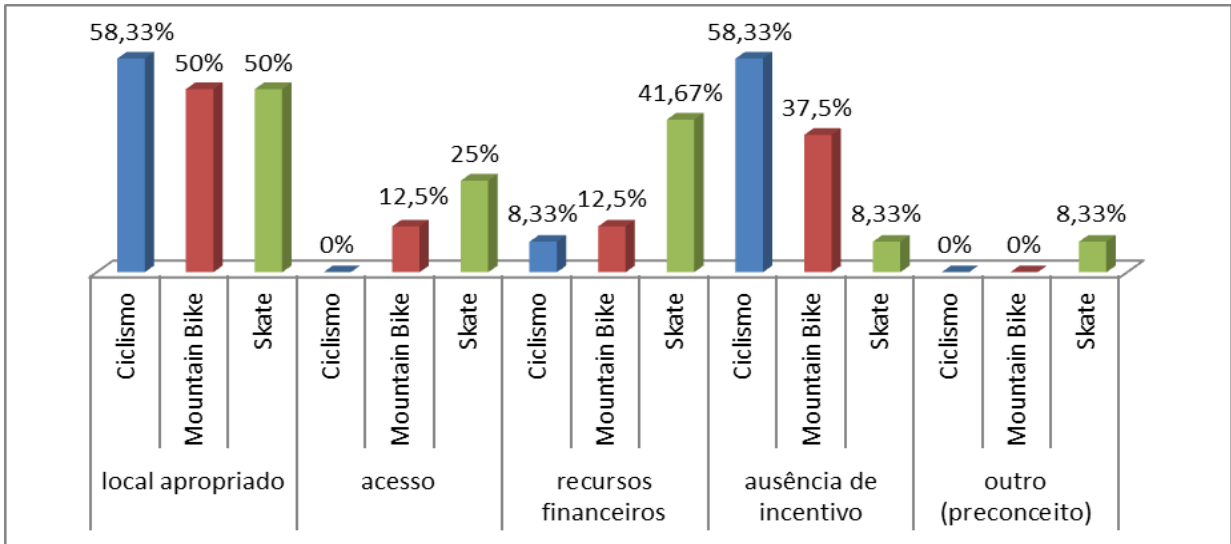


Figura 21: Principais dificuldades elencadas pelos praticantes das modalidades em porcentagem.

Fonte: Dados da pesquisa.

Descrição dos locais das práticas das modalidades dos esportes de ação e aventura em Dourados-MS

Mountain Bike, o trecho utilizado pelos esportistas passa pela “matinha” que vai no sentido Dourados - Ponta Pora, Km 11 da Rodovia BR 463/MS. O local possui mata nativa, com trilhas que proporcionam subidas, descidas, com obstáculos naturais, ou seja, local adequado para a prática deste esporte.

“Trilha dos 3 tubos” no KM 5 da Rodovia BR 463/MS. Este local possui em sua maior parte um ambiente mais “limpo”, porém com maiores riscos sob a ótica dos esportistas por percorrer trecho na Rodovia.

A pista da loja OM Confeções, situada a Rua Antonio Emílio de Figueredo, 1995, Centro de Dourados/MS e a Praça do Parque Alvorada, situada na Rua Arael Pompeu Filho ao Lado da Escola Municipal de Dourados/MS Aurora Pedrosa, são os locais frequentados pelos Skatistas na cidade de Dourados por possuir pista estruturada e adequada para a prática de Skate.



Ciclismo na rodovia BR 163/MS saída para Campo Grande entre os Km 258 e Km 280, local em que realizam treinos nos finais de semana (partindo de Dourados/MS, no percurso até a cidade de Rio Brilhante/MS os esportistas precisam dividir espaço com automóveis a maior parte do tempo) sendo a maneira e o local encontrados para treinar longos percursos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio deste estudo foi possível diagnosticar que o perfil dos praticantes das atividades de aventura e ação, modalidades de Ciclismo, Mountain Bike e Skate na cidade de Dourados-MS e no seu entorno, são do sexo masculino e em sua maioria, jovens adultos, de ocupação, escolaridade e renda mensal variada, com frequência assídua, tempo que pratica considerável, motivados pelo espírito de aventura, os riscos envolvidos nas suas práticas, lazer e o prazer proporcionado.

Considerando que a maioria não possui acompanhamento por profissional especializado, desconhecendo sua importância ou não possuindo recursos financeiros para a contratação, aponta-se para uma conscientização da atuação do profissional de Educação Física, mediante suas intervenções técnico-científicas para manutenção, análise crítica e melhoria das condições de preparo e treinamento destes indivíduos, a fim de proporcionar-lhes melhores condições para atingir um rendimento desejável ou para corrigir ações que estejam prejudicando o bom desempenho, por meio de atividades de extensão e projetos sociais para divulgar o trabalho destes profissionais, bem como proporcionar acompanhamento adequado.

Os dados também podem contribuir como fonte de pesquisa para demais profissionais da área ou interessados no assunto e possibilitar ações por parte dos governantes para incentivo e/ou melhoria das condições para o desenvolvimento de atividades de ação e aventura na cidade.

Considerando, ainda, os dados obtidos e discutidos, apesar da cidade de Dourados-MS não possuir muitas belezas naturais de fauna e flora, como cachoeiras, piscinas naturais, cavernas, possui belezas que poderiam ser melhor estudadas e analisadas para o desenvolvimento dos esportes de ação e aventura, contribuindo para o desenvolvimento da qualidade de vida de seus habitantes, além de aprimorar os espaços já utilizados pelos praticantes atuais e desenvolver os aspectos sociais e econômicos, gerando



emprego e renda, e o equilíbrio destas atividades e o meio-ambiente, preservando-o e proporcionando o desenvolvimento sustentável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. C. P. C. de. Esporte, aventura e natureza: o praticante e a responsabilidade ambiental. In: MARINHO, A.; UVINHA, R. R. (orgs.). Campinas-SP: Editora Alínea, 2009.

BRANDÃO, L. Esportes de ação: notas para uma pesquisa acadêmica. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 32, n. 1, p. 59-73, setembro 2010.

DATAFOLHA. Instituto de Pesquisa. Praticantes de Skate. Julho de 2006.

DUMAZEDIER, J. A revolução cultural do tempo livre. Tradução de Luis Otávio de Lima Camargo. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1994.

FALCONI, A. V. Apropriação dos espaços: lazer, trabalho e violência na cidade de Sobral - CIS 079/05. 2007. Disponível em: <<http://www.cienciadoSkate.com/paper/0197.htm>>. Acesso em 27 fev. 2010.

FERREIRA, C. A importância do condicionamento físico na prática de esportes de aventura. 2009. Disponível em: <http://www.medicinadaaventura.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=22:a-importancia-do-condicionamento-fisico-na-pratica-de-esportes-de-aventura&catid=11:saude&Itemid=9>. Acesso em 07 fev. 2011.



GALLIANO, L. M.; MAYER, S. M. Motivos que levam os skatistas à prática do esporte: um estudo comparativo entre os estados do Paraná e Rio Grande do Sul. In “Ciência do Skate”, ano 1, ed. 1, Novembro de 2009. Disponível em: <<http://www.cienciadoSkate.com/paper/0272.pdf>>

GRECO, C.C. O treinamento físico e as atividades na natureza. In: SCHWARTZ, G. M. (org.) Aventuras na natureza: consolidando significados. Jundiaí-SP: Fontoura, 2006.

HONORATO, T. Uma história do Skate no Brasil: do lazer à esportivização. ANAIS DO XVII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA – O lugar da História. ANPUH/SP-UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. Fundamentos de metodologia científica. __. Ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LIMA, J. O. Conceitos e diferenças entre recreação, lazer, jogo e brincadeira. 2007. Disponível em: <www.artigocientifico.uol.com.br/uploads/artc_1206841970_97.doc>. Acesso em novembro 2011.

PAIXÃO, J. A. da *et al.* Práticas aventureiras e situações de risco no voo livre: uma análise a partir do conceito de redoma sensorial. Motriz, Rio Claro, v.16 n.3 p.672-581, jul./set. 2010. Disponível em: <www.periodicos.rc.bibliotecarc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/.../3206>. Acesso em 07 set. 2010.

SANTOS, F. S. dos. A Educação Para o Lazer nas Escolas de Acordo com a Literatura Vigente. 2008. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/a-educacao-para-o-lazer-nas-escolas-acordo-com-literatura-vigente>>. Acesso em 07 set. 2010.

TAHARA, A. K.; CARNICELLI FILHO, S. Atividades físicas de aventura na natureza (AFAN) e academias de ginástica: motivos de aderência e benefícios advindos da prática.



Movimento, Porto Alegre, v. 15 n. 03, p.187-208, Jul/set. 2009. Disponível em:
<<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/4917/5586>>. Acesso em 05 nov. 2010.

TEIXEIRA, J. P. Esporte de aventura e meio ambiente: tematizando esses conhecimentos na Educação Física. 2005. Disponível em:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCACAO_FISICA/monografia/Teixeira_Monografia.pdf>. Acesso em 03 set. 2010.

VIEIRA, S.; HOSSNE, W. S. Metodologia científica para área da saúde. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.



PROJETO CONVIVER: UMA OPORTUNIDADE DE LAZER PARA OS IDOSOS NAS
CIDADES DE CORUMBÁ E DE LADÁRIO – MS

Natanael Silva Souza
Elisangela Correa Rios
Carlo Henrique Golin
Célia Maria Sampaio de Carvalho Carneiro

Resumo: Esse texto objetiva discorrer sobre as primeiras impressões acerca dos dados do Censo 2010 sobre os idosos e a oportunidade de lazer que lhes é oferecido pelo Programa Conviver nos municípios de Corumbá e Ladário. Consideramos, provisoriamente, que é necessário criar e fomentar programas que visem atender a esse tipo de público crescente, especialmente na direção da melhoria da qualidade de vida.

Palavras-chave: direitos; idoso; lazer.

A Constituição Federal de 1988 no artigo 6º define que, dentre os direitos ao trabalho, à educação, saúde, moradia, segurança, previdência social e assistência, o lazer se destaca igualmente como um direito social de todos.

O Estatuto do Idoso (Lei n. 10.741/2003) afirma no seu artigo 9º que “É obrigação do Estado, garantir à pessoa idosa a proteção à vida e à saúde, mediante efetivação de políticas sociais públicas que permitam um envelhecimento saudável e em condições de dignidade”. E no artigo 20 esclarece que o idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade (BRASIL, 2003). Portanto, podemos considerar que a implementação da política nacional do idoso é de competência das entidades públicas, neste caso específico para as áreas de cultura, esporte e lazer. Por consequência, é também dever destes órgãos públicos às questões de incentivo e criação de programas de lazer, esporte e atividades físicas, que proporcionem a melhoria da qualidade de vida do idoso e estimulem sua participação enquanto comunidade.

A legislação vigente para os idosos instigou-nos investigar acerca do crescimento do contingente destes no Brasil e das opções de lazer que são oferecidas em nossa região. No país os idosos representam cerca de 10% da população geral. Dos 190.732.694 milhões



de brasileiros, 19.282.049 milhões têm 60 anos ou mais, sendo que projeções apontam um crescimento desse grupo populacional para 34.476.073 milhões até 2025, e para o ano de 2050 de 64.050.980 (IBGE, 2010).

No estado de Mato Grosso do Sul, especificamente no município de Corumbá, cujo número de habitantes seja de 103.703, a população de 60 a 69 anos de idosos somam mais de 5.588, e de 70 anos ou mais são cerca de 3.885. No município de Ladário, com 19.617 habitantes, o número de idosos entre 60 a 69 anos são de 850 e de mais de 70 anos são de 735. Com o aumento da população, aumenta-se também a sua expectativa de vida, que era de 62 anos em 1980, em 2012 é de 72 anos (IBGE, 2010).

O envelhecimento acelerado da população, por consequência, a grande quantidade de idosos no país, sugere a procura por entretenimentos para esse grupo, seja por escolha própria ou por recomendação médica, fato que vem desvelando uma situação muito diferente de décadas atrás, quando os hábitos de vida eram bem diferentes.

De forma resumida, podemos considerar que o Lazer é um conjunto de alternativas atreladas aos interesses culturais, na qual o ser humano pode se entregar no seu tempo disponível. Por isso, atualmente uma das grandes formas de acesso dos idosos a esse direito nos municípios de Corumbá e de Ladário (MS), está sendo viabilizado pelo Programa Conviver desenvolvido pelas Secretarias de Saúde e de Assistência Social e Cidadania de Corumbá (CORUMBÁ, 2012) e Secretaria Municipal de Políticas Sociais de Ladário (LADÁRIO, 2011). Os dois municípios atendem juntos cerca de 360 (310-Corumbá / 50-Ladário) idosos em atividades que variam desde visitas aos idosos acamados, consultas médica e odontológica, atendimentos com fisioterapeutas, psicólogos, nutricionistas, assistentes sociais, bem como reuniões nas Associações dos moradores do Bairro Alta Floresta (I e II) e Associação dos Militares e Associação dos Aposentados, Pensionistas e Idosos de Ladário (AAPPIL). No geral as atividades desenvolvidas são de raciocínio lógico, exercícios de alongamentos e coordenação motora, bailes dançantes, refeições coletivas, palestras informativas e temáticas.

Apesar do pequeno grupo atendido, consideramos, provisoriamente, que ambos os programas buscam cumprir com o propósito de atender o direito constitucional ao lazer, quando oportunizam aos idosos atividades socialculturais amplas.



REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, 1988.
- _____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 10 jun. 2012.
- _____. Lei n. 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 2003.
- CORUMBÁ. Prefeitura Municipal de Corumbá. Plano de Ação 2012. Projeto Conviver: atendimento do Centro de Convivência de Idosos. Corumbá, 2012.
- LADÁRIO. Prefeitura Municipal de Ladário. Programa Conviver. SEMIPS. Ladário, 2011.



DIVERSIDADE LÚDICA NO BAIRRO SÃO BRAZ/DOURADOS-MS

Junior Gomes Camilo² – UFGD
Marina Vinha³ - UFGD

Resumo

Este trabalho tem como objetivo identificar e relatar as diferentes formas lúdicas praticadas nas ruas do Bairro São Braz, em Dourados-MS. A pesquisa foi do tipo direta e aborda um referencial teórico baseado em Marcellino (2005) e Gaillois (2006). Nas considerações finais há reflexões sobre a ludodiversidade observada nas ruas do Bairro.

Palavras-chave: ludodiversidade, saúde, bem estar, lazer, educação

Introdução

O presente estudo tem por objetivo identificar e relatar as diferentes formas lúdicas observadas nas ruas do Bairro categorizando-as de acordo com a classificação de Marcellino (2005). Os objetivos específicos foram: a) observação das atividades lúdicas praticadas nas ruas e calçadas no referido bairro; b) caracterização do Bairro São Braz enfatizando o histórico e os espaços das ruas e calçadas; c) descrição dos contextos e das atividades lúdicas observadas; d) reflexões sobre bem-estar no Bairro São Braz.

A motivação para a abordagem desse tema foi a de mostrar como a diversidade lúdica se apresenta no bairro e contribuir para valorizar algumas brincadeiras tidas como 'ultrapassadas' pela época digital que vivemos. Este trabalho se justifica também por sua relevância aos moradores do bairro pelo fato de que um estudo dessa natureza proporciona visibilidade sobre o modo de vida dos moradores. Por outro lado, apresenta uma visão

² Concluinte da Especialização em Educação Física Escolar e Saúde

³ Doutora em Educação Física, atuando nas Licenciaturas de Educação Física e Intercultural Indígena.



contrária às ideias predominantes e estigmatizadas que circulam a respeito do bairro, por exemplo, de que o mesmo é violento. Estudos de caráter científico podem contribuir proporcionando mudanças a essa visão de senso comum. Com isso, esperamos aumentar o orgulho dos moradores para com seu bairro.

A relevância para a área de Educação Física consiste no fato de que ao inter-relacionar 'ludodiversidade' e 'saúde' podemos obter um ganho na qualidade de vida e bem-estar das pessoas. O conceito de saúde foi o adotado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que a entende como estado de completo bem-estar físico, mental e social e não consistindo da ausência de enfermidades. Este estudo enfatizou o bem-estar social, oriundo das atividades lúdicas, por entender o brincar e o divertir, dentre outros, como vida saudável. O bem-estar social compõe a compreensão geral de qualidade de vida, a qual segundo Nahas (2006) é a percepção de bem-estar que reflete um conjunto de parâmetros individuais, socioculturais e ambientais que caracterizam as condições em que vive o ser humano. Sendo assim, 'bem estar social' tratada qualidade de vida do cidadão, e inserido no bojo dessas questões enfatizamos o lúdico.

As atividades lúdicas estão associadas ao lazer, no presente estudo. O lazer está citado na Constituição brasileira de 1988, como direito social do cidadão, estando afirmado e reafirmado nos Capítulos II, III e VII como direitos sociais, como dever do poder público e dever da família.

O referencial teórico foi elaborado com os seguintes autores: Silva (2005), Kocian (2006), Kishimoto (2003), Marcellino (2005), Mello (2005) e Souza (2001). Segundo Mattos *et al* (2004) esta pesquisa é do tipo direta, por caracterizar-se pela busca de dados na fonte de origem, tendo a pesquisa de campo com procedimento de observação 'in loco'. A metodologia foi a descritiva, a qual, Mattos *et al* (2004) a caracterizam por observar, registrar, descrever e correlacionar fatos sem manipulação. Os procedimentos foram assim desenvolvidos: a) elaborar um roteiro para obtenção dos dados de campo - Quadro 1; b) elaborar um suporte teórico com os autores definidos; c) observar 'in loco' para coleta dos dados; d) análise nos espaços de lazer encontrados, e) indicação das melhorias que o bairro necessita no quesito lazer.

Quadro 1: Roteiro

Data:	Hora:
-------	-------



Local da atividade: Rua ;Calçada

- | | |
|--|---|
| <p>a)</p> <p>()idoso masculino; ()idoso feminino; ()adulto masculino; ()adulto feminino;
 ()jovem/adolescente masculino; ()jovem/adolescente feminino; ()jovem/adolescente misto;
 ()criança/masculino; ()criança/feminino; ()criança/misto</p> <p>b)</p> <p>título das atividades, descrição, material, quantia de pessoas, espaço, formas de organização.</p> <p>c)</p> <p>atividade cada uma será compatibilizada com a classificação definida.</p> | <p>Quem pratica:</p> <p>Tipo da atividade:</p> <p>Com o relato da</p> |
|--|---|

A análise dos dados foi fundamentada na categorização segundo Marcellino (2005) e na argumentação de Gaillois (2006) e nas observações empíricas.

Referencial Teórico

a) Lazer e Patrimônio Cultural

A fundamentação teórica foi obtida em Marcellino (2005) ao tratar das categorias das atividades de lazer, no direito constitucional e nos equipamentos e conteúdos do lazer. O autor pontua que embora haja situações designadas 'lazer' elas tratam apenas do gosto pessoal por determinada atividade, assim entende-se que o 'lazer' não pode ser compreendido a partir do gosto de cada pessoa, ou por uma questão econômica.

Quanto às atividades lúdicas no contexto das diferentes culturas, estas são muito diversificadas. As festas, por exemplo, mesmo em ambientes urbanos, grupos de moradores podem fechar uma rua para realizar coletivamente 'festas juninas', 'ruas de lazer', comemorações de significado religioso, dentre outras. Dançar, partilhar alimentos, socializar ritos de inserção religiosa como batismos, casamentos, também compõem esses momentos comunitários, as brincadeiras e jogos são atividades lúdicas cuja aprendizagem geralmente ocorre nas ruas, nas inter-relações com a vizinhança e inter geracional.

Embora a realidade atual das cidades nos afaste cada vez mais dessa convivência sadia, ela é muito significativa, por isso pode sempre indicar a perspectiva de que ainda haja bairros acolhedores, nos quais é possível manter um ambiente urbano com qualidade para seus moradores. Em que pese as condições de violência urbana a que a maioria dos bairros está exposta, há indícios de recuperação de atitudes coletivas lúdicas em bairros e pequenas cidades do interior (MARCELLINO, 2005).



Na compreensão do autor as atividades de lazer foram categorizadas em 6 áreas, ou interesses fundamentais, sempre considerando o fator ‘predominância’ no perfil de cada área. São elas: artísticos, intelectuais, físicos, manuais, sociais e turísticos. Detalhando cada uma dessas áreas temos: (1) ‘interesse artístico’ é o imaginário, as imagens, emoções e sentimentos – seu conteúdo é estético e configura a beleza do encantamento. Abrange todas as manifestações artísticas; (2) ‘interesses intelectuais’ buscam o contato com o real, a ênfase é dada ao conhecimento experimentado, como a participação em cursos, a leitura, a visita a museus; (3) ‘interesses físicos’ abrangem as práticas esportivas, os passeios, a pesca, a ginástica e todas as atividades nas quais prevalece o movimento, o exercício físico; (4) ‘interesses manuais’ é a capacidade de manipulação, quer para transformar objetos ou materiais, como artesanato e bricolagem, jardinagem e cuidado com animais; (5) ‘interesse social’ busca fundamentalmente o relacionamento social, os contatos face a face, por exemplo, bailes, bares que servem de pontos de encontro, freqüência às associações para encontrar seu grupo; e (6) ‘interesses turísticos’ buscam a quebra da rotina temporal e/ou espacial, o contato com novas situações, paisagens e culturas. Passeios e viagens constituem exemplos dos interesses turísticos. Embora pareça limitado, as 6 áreas ampliam consideravelmente o leque de possibilidades práticas de lazer. Dessa forma, a perspectiva seria de que as pessoas praticassem atividades que abrangessem os vários interesses.

As atividades de lazer podem também estar inseridas na compreensão de patrimônio cultural imaterial. Segundo Gaillois (2006), o ‘imaterial’ é a fonte do patrimônio ‘material’. O patrimônio imaterial é a produção do conhecimento por um grupo ou povo, elaborado, dinamizado e repassado de geração em geração. A autora destaca que o imaterial passa por mudanças, dependendo do entorno relacionado à cada cultura. Para a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO, 2003) a definição de Patrimônio Cultural Imaterial abrange:

[...] as práticas, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Fundamentado nos supracitados aspectos, o título do artigo remete à expressão ‘diversidade lúdica’ a qual, no sentido dado por Gaillois (2006), trata do patrimônio imaterial, por estar relacionado a todos os povos em suas diferentes sociedades. Tal



imaterialidade significa conhecimento, saberes, jeitos de fazer de cada povo, aquilo que não pode ser retirado das suas identidades.

Diversidade lúdica nos remete também para o neologismo ‘ludodiversidade⁴’, palavra composta por ‘lúdico+diversidade’ e contempla um repertório de interesses que abrem para pesquisas, cujos registros podem contribuir para uma ação de intervenção, assim como para a compreensão dos processos de mudanças das diferentes culturas, no modo lúdico, em seus respectivos tempos e espaços. Lúdico expressa, segundo o Aurélio (2010) um adjetivo relativo ao jogo, ou relacionado com brinquedo, ou a algo que diverte ou distrai. Outro dicionário, o Houaiss (2009) apresenta o termo lúdico relacionando-o ao jogo ou divertimento.

Em síntese, o referencial teórico sobre lazer e patrimônio cultural imaterial adotado contribuiu para que na compreensão de lazer esteja inserida a compressão de qualidade de vida.

b) Atividades lúdicas

Segundo Silva (2005), os jogos tradicionais significam mais do que uma função meramente lúdica. Para o autor, estes jogos podem ser o mundo de proteção da cultura e dos valores de grupos e sociedades, além de passar para uma dimensão educativa e pedagógica. Importante tanto para criança como para os jovens e adultos, os jogos populares são jogos inventados pela população e trazem em sua essência a imaginação do trabalho em grupo, a formação de caráter, além de dar a oportunidade de recriarem suas culturas. E tem como característica mais apreciada a forma como os participantes brincam e expressam suas alegrias. Esses tipos de jogos variam de região para região, sendo que muitos foram transmitidos de geração para geração, entre a família e/ou entre crianças maiores para os menores nas ruas e vizinhanças. São adaptados às maneiras de como se vive, às características do local, são praticados com materiais improvisados ou confeccionados artesanalmente, além de que um mesmo jogo pode ter diversas variações no nome e na forma de praticar. Conforme Mello (2005) a característica de variar na forma, no número de jogadores, no material, no espaço, dentre outras, mostram as “atividades lúdicas, competitivas e/ou cooperativas que refletem as identidades culturais de um determinado grupo étnico, distinguindo-se dos esportes internacionais sujeitos a padrões organizacionais e regras universais”.

⁴ Vinha (1999) obtido em Renson (1991).



Para Kocian (2006, p.1) “as brincadeiras populares são um fenômeno histórico-social de irrefutável significação cultural de massa, independente do gênero”. Segundo Souza (2001), “os jogos tradicionais infantis são atividades lúdicas desenvolvidas nas ruas e terrenos baldios, são produtos da cultura popular, transmitidos de geração em geração”. Kishimoto (1993) argumenta sobre os jogos tradicionais como elementos que fazem parte de uma cultura, sendo que eles estão em constante transformação, uma vez que são transmitidos de uma forma oral, simbolizando uma manifestação da cultura popular.

Calegari e Prodocimo (2006), nos desperta para o fato de alguns jogos e brincadeiras estarem se perdendo ou entrando em prévio esquecimento, devido a vários motivos. Dentre as circunstâncias que provocam essas perdas os autores citam: (i) diminuição da convivência familiar causada pelos diversos compromissos assumidos pela família; e (ii) aceleração na diminuição do tempo da infância, o que acarreta diminuição do tempo livre para brincar.

No campo da Educação Física o termo ‘brincadeira’, segundo Barbanti (1994, p 35) é compreendido como “atividade lúdica livre, separada, incerta, improdutiva, governada por regras e caracterizada por faz de conta, é uma atividade bastante consciente, ela se processa dentro de seus próprios limites de tempo e espaço de acordo com regras fixas”. As diferentes e complementares compreensões científicas sobre o lúdico, os jogos e brincadeiras tem em comum o fato de mostrarem-se indispensáveis no processo de aprendizagem, no desenvolvimento, no deleite e na transformação de valores e condutas em todas as fases da vida.

Para ressaltar a força desses elementos sociais, destacamos que a diversidade lúdica brasileira está protegida legalmente, consiste em um dever constitucional (BRASIL, 1988), conforme o Art. 217, o qual reza: “ser dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não-formais, como direito de cada um, observados: a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional”. Embora utilizando a expressão ‘desporto’, o texto constitucional refere-se à ludodiversidade brasileira. De outra forma, jogo e brincadeira nos levaram à compreensão de um fenômeno histórico-social de irrefutável significação cultural, ou seja, algo que identifica um grupo social e simultaneamente pode ser utilizado por todos.

A ludodiversidade, portanto, contempla um repertório de interesses que abre para propostas de pesquisas que podem contribuir para uma ação de intervenção, assim como de compreensão dos processos de mudanças e das condições atuais de bem-estar de grupos sociais, no caso priorizando o Bairro São Braz.



c) Caracterização do Bairro

O bairro São Braz possui essa denominação por escolha dos seus moradores mais antigos. São Braz viveu nos Séculos III e IV, médico e foi canonizado pela Igreja Católica. Segundo o catolicismo este santo protege as pessoas contra as doenças da garganta. Homenageado em vários lugares do Brasil e no Estado de Mato Grosso do Sul o bairro que leva o nome 'São Braz' está situado ao oeste da cidade de Dourados, possui uma população estimada em 5 mil pessoas, está com 25 anos de fundação, segundo o senso da prefeitura municipal (2005). Essa população está circundada pelos Bairros Parque das Nações 2, Jokey Clube, Canaã 2 e Canaã 4.

Sua população não dispõe de prédios escolares públicos, estando as crianças e jovens matriculados nas escolas localizadas nos bairros vizinhos. O bairro não possui orfanatos, mas há um Instituto religioso chamado "Casa Criança Feliz" que funciona como creche, atendendo cerca de 180 crianças, oferecendo uma alimentação balanceada, reforço escolar, ensino religioso, atendimento médico e cursos profissionalizantes.

Quanto aos espaços públicos específicos para o lazer são inexistentes. Marcellino (2005) considera 'micros equipamentos de lazer' as quadras esportivas e poliesportivas, as piscinas, os pequenos clubes, dentre outros espaços de pequeno porte, construídos para a prática de modalidades esportivas ou lúdicas. O Bairro também não apresenta 'equipamentos médios polivalentes', os quais priorizam o atendimento a uma grande população, com interesses diversificados. Sendo assim, a população do bairro São Braz prioriza o uso de 'equipamentos não específicos de lazer', ou seja, aqueles que não foram construídos especialmente para esse fim, como as ruas, bares, escolas e as próprias residências. O adjetivo 'não-específico' traduz bem a condição desses espaços, pois nas ruas transitam pessoas, animais e diferentes tipos de veículos; nos bares objetiva-se o comércio; nas escolas há um currículo a ser atendido, assim como as residências são espaços familiares para refeições, para descansar e dormir, para atender os doentes, criar os filhos, dentre outros.

Portanto, o único 'espaço específico para lazer' no bairro é um campo de futebol de várzea, localizado ao lado de um terreno baldio, em uma estrutura de chão batido, com traves de ferro, sem marcação dos espaços de jogo.

As ruas do bairro, em sua maioria, não possuem asfalto⁵, somente uma delas está asfaltada, a 'Rua Principal', embora seu cadastro seja 'Rua Ramão Ozório', em

⁵A partir de julho de 2012 a prefeitura iniciou a malha asfáltica do bairro São Braz.



homenagem a um dos pioneiros do município. As outras dez ruas não estão asfaltadas, o que dificulta o trânsito no período de chuvas, pois além de muito esburacadas não possuem calçadas definidas para os pedestres. Dessa forma, as atividades lúdicas são realizadas nas ruas e se estendem para o perímetro destinado às calçadas, provocando um alargamento do espaço livre. Por outro lado, esse aparente alargamento traz também o abuso no trânsito dos veículos, os quais entendem que há amplitude para a circulação dos carros e caminhões. Os pedestres, por sua vez, sem a delimitação do espaço da calçada, serpenteiam defendendo-se dos abusadores das regras de trânsito.

A classe econômica dos moradores, dos moradores aparenta ser predominantemente de trabalhadores assalariados, cuja renda mensal seria pouco mais de dois ou três salários mínimos. Essas características os classificam nas classes sociais D e C, conforme Quadros (2004).

As residências são na maioria muradas, apesar de que o bairro ainda apresenta residências protegidas com cercas de madeira. As casas são na maioria de alvenaria, estando algumas faltando o reboco e outros acabamentos.

A arborização nas ruas e calçadas advém de árvores plantadas pelos próprios moradores, tais como: mangueira, goiabeira, jaqueira, dentre outras. É muito agradável ver estas árvores frutíferas nos quintais das casas estenderam seus galhos sombreando as calçadas e inclusive as ruas. Há, ainda, algumas casas que possuem árvores plantadas no espaço da frente, destinado às calçadas.

Nas ruas e calçadas do São Braz são realizadas atividades lúdicas variadas. Brincadeiras, jogos, danças, correrias, dentre outras atividades observadas durante o trabalho de campo e detalhadas no próximo subitem do texto.

Atividades Lúdicas Praticadas nas Ruas e Calçadas

Dia 14/04/2012, das 4h30 às 17h30 observação na Rua S 22.

Atividade: Rebatida

Material: Uma bola, uma das traves de futebol.

Participantes: 6

Espaço: marcação do campo com cal, sobre o chão batido.



Organização: 6 jovens se dividiram em 3 duplas. Enquanto duas equipes participavam, a terceira aguardava ao lado do campo.

Desenvolvimento: Consiste em chutar ao gol, sendo que cada equipe/dupla tem direito a 6 chutes, sendo estabelecidos 3 por participantes. Contabilizando os gols, a equipe que fizer o número maior de gols vence. O jogo possui regras específicas: 1) ao chutar no gol, se o goleiro rebater a bola e a equipe que está atacando conseguir fazer o gol no 'rebote' este valerá dois gols; 2) se ao chutar acertar a bola na trave, ela valerá um pontuação previamente combinada.

Classificação: Predomina o 'interesse físico'.

Dia 16/04/2012, das 17h10 às 18h30 observação na Rua Ramão Ozório.

Atividade: Truco

Material: 1 baralho, cadeiras e um marcador de pontos esculpido em madeira.

Participantes: 6 jogadores idosos do sexo masculino.

Espaço: o jogo foi desenvolvido em um barzinho 'bar do Tonho'

Organização: 2 equipes de 3 três jogadores cada.

Desenvolvimento: O jogo consiste em descartes das cartas. Cada jogador recebe 3 cartas. O mesmo termina quando algumas das equipes atingem o máximo de 12 pontos.

Classificação: Predomina o 'interesse social'.

Dia 23/04/2012, das 17h às 17h40 observação na Rua Patrocínio Victor Garcia.

Atividade: Golzinho

Material: 1 bola de Capotão (couro, desgastado pelo uso), 1 tijolo e uma árvore de porte pequeno serviam de trave.

Participantes: 5 crianças do sexo masculino.

Espaço: Não havia demarcação dos espaços. A brincadeira tem início no espaço designado para as calçadas e expandia-se para o espaço da rua.

Organização: em duas e equipes, contendo dois jogadores cada, e a quinta criança no gol.



Desenvolvimento: o jogo tem início quando o goleiro solta a bola e as equipes começam a disputa, com a finalidade de marcar gol. As partidas não tinham duração fixa, mas, sim, eram limitados a cada três gols. Quando uma das equipes completava os três gols quem estava no gol escolhia um membro da equipe perdedora para substituí-lo, e o ex-goleiro compunha outra equipe.

Classificação: Predomina o 'interesse físico'.

Atividade: Brincar de boneca

Material: bonecas e peças de roupas.

Participantes: 3

Espaço: A brincadeira ocorria no espaço das calçadas e se estendia para a rua que não possuía pavimentação asfáltica, sendo que estas estavam sobre a observação da sua mãe.

Organização: As meninas brincavam com suas bonecas fazendo o uso do 'faz de conta', inventando histórias e dando asas a imaginação. Com os retalhos as crianças faziam as roupas para as bonecas.

Desenvolvimento: a brincadeira acontece sobre a supervisão das mães, sendo que nesta atividade as crianças figuram diversos papéis.

Classificação: Predomina o 'interesse social'

Atividade: Bets

Material: 6 bastões de madeira, 2 garrafas pet

Nº de participantes: 4

Espaço: Não há delimitação, o objetivo do jogo é conseguir mandar a bola o mais longe possível.

Organização: inicia com 4 participantes, divididos em duplas, 1 dupla inicia o jogo com direito à bola e a outra com o bastão.

Desenvolvimento: A dupla com bastão tem que atingir 24. Para marcar os pontos a equipe deve rebater a bola o mais longe possível e assim ocorrerá a troca de lugar entre os



integrantes da equipe, e somam 2 pontos; a dupla que está na 'bolinha' tem que arremessar a bola e acertar a garrafa pet para pegar na bets e assim tentar fazer seus pontos.

Classificação: Predomina o 'interesse físico'

Dia 28/05/2012, às 14h observação na rua S2.

Atividade: Roda de tereré

Material: 1 cuia de tereré, 1 bomba, 1 garrafa térmica, cadeiras e bancos

Participantes: 12 pessoas de ambos os sexos, na calçada

Organização: sentados em círculo.

Desenvolvimento: uma pessoa serve a bebida tereré para todos e o grupo conversava.

Classificação: predomina o 'interesse social'

Dia 30/05/2012 às 16h na rua S 4.

Atividade: tricô e crochê

Material: Agulha e linha.

Participantes: 4 pessoas adultas do sexo feminino

Desenvolvimento: sentadas na calçada de suas residências, conversam sobre vários assuntos fazendo tricô e crochê.

Classificação: predomina o 'interesse manual'

Atividade: jardinagem

Material: tesoura, linha, régua e escada

Participantes: 1 pessoa adulta do sexo masculino

Desenvolvimento: atividade de jardinagem no quintal e em frente da casa

Classificação: predomina o 'interesse manual'



Atividade: soltar pipa

Material utilizado: 1 pipa, 1 carretel de linha 10

Participantes: 3 adolescentes do sexo masculino

Desenvolvimento: Praticam em terrenos baldios e ruas com menor movimento, a atividade consiste em erguer a pipa na direção contrária ao vento, com manobras

Classificação: Predomina o 'interesse físico'

Atividade: andar de bicicleta

Material utilizado: bicicletas

Participantes: 8 crianças

Desenvolvimento: organizadas em fileira, o primeiro apanha a bicicleta e realiza um percurso pré-determinado, depois de realizado ele entrega a bicicleta para o próximo e vai para final da fila.

Classificação: Predomina o 'interesse físico'

Outras atividades lúdicas, como: basquete, futsal, futebol, dança kuduro, driblinho, lavagem de carro nas casas, esconde-esconde, curtir um som, xadrez, dama não foram descritas, contudo foram observadas e entram no computo geral das atividades com a denominação de 'outros'.

Análise dos dados

Foram coletadas atividades sendo: 9 jogos e brincadeiras populares; 1 dança; 6 jogos esportivos e 5 'outros', totalizando 21 atividades. Aplicando as categorias conforme Marcellino (2005), observamos que os diferentes jogos populares e brincadeiras e 1 dança constituem 'atividades de interesses físicos', no caso, praticados em espaços não específicos. Essa observação indica a precariedade de espaços qualificados para crianças e jovens. A falta de um Parque seria o mais agravante para esse segmento populacional. Por outro lado, indica também que as ruas e calçadas do bairro são tranquilas, permitindo a



realização de atividades lúdicas com pouca intervenção de carros quanto aos riscos de alguma abordagem violenta.

Dos jogos esportivos, 3 delas: futebol de várzea, futsal e basquete a predominância é de 'interesses físicos' e ocorreram em lugar específico, um 'micro-equipamento especializado' localizado na 'Casa Criança Feliz'. Porém, este espaço não fica disponível para todos os moradores, somente para as crianças matriculadas.

As outras atividades eram com 'predomínio intelectual' – dama e xadrez. Apenas uma das atividades foi caracterizada de 'interesse social' - o truco. Embora seja uma atividade intelectual, naquela circunstância predominava o relacionamento, os contatos face a face, o envolvimento social daquele grupo, em uma mesa de bar.

Foram encontradas também atividades de lazer de 'interesses manuais', sendo que estas atividades eram desenvolvidas por pessoas adultas, do sexo feminino, realizadas nas calçadas. As senhoras conversavam, riam e simultaneamente manuseavam linhas e agulhas. As atividades de 'interesses artísticos e turísticos' não foram encontradas no bairro, durante o período de observação.

Segundo Marcelino (2005), a centralização de atividades em uma mesma categoria acontece não por opção dos seus praticantes, mas, sim, por não terem contato ou oferta de outros conteúdos de atividades de lazer. O melhor seria que houvesse espaços físicos disponíveis para a população e também a realização de projetos oferecendo diferentes conteúdos de lazer.

Os dados apontam também para a precariedade do bairro quanto a disponibilizar equipamentos específicos para o lazer. Essa precariedade fere o direito social constitucional; mostra descaso do poder público para com os moradores. Por outro lado, podemos considerar positivo o poder de criação e adaptação da população local, principalmente crianças e jovens, para tentar suprir suas necessidades socioculturais educativas visando uma formação saudável, obtida viam ludodiversidade.

Considerações Finais

Com o objetivo de identificar e relatar as diferentes formas lúdicas praticadas no bairro São Braz foi possível obter uma compreensão mais ampliada da realidade com a qual a população está sujeito. Dentre as atividades observadas nos chamou a atenção o maior quantitativo de atividades populares, vindas da transmissão entre gerações ou na rua.



Destacamos também a influência dos esportes coletivos, com preferência pelo futebol ou outros jogos de chutar. Essa aparente 'pobreza lúdica', sob nosso ponto de vista, é devido a pouca diversidade, oriunda de diversos fatores: pouco estímulo dos pais, avanço da tecnologia, perigo das ruas, falta de equipamentos específicos, ausência da presença das gerações anteriores para a transmissão - possivelmente ocasionada pela carga de trabalho necessária para a sobrevivência familiar -, omissão dos conteúdos escolares que pouco adota atividades lúdicas no currículo.

No entanto, a ausência do compromisso do poder público para com o bairro, o qual com seus 25 anos de fundação, não recebeu sequer um Parque para o bem-estar da população. Assim, aquilo que poderia passar despercebido, ser tratado como costume ou até mesmo 'responsabilizar a classe econômica dos moradores' foi evidenciado, desnudando o descaso do poder público para com o bairro. Não obstante, o bairro apresenta aspectos positivos, no caso, o fato de ruas e calçadas ser usufruída pelos moradores. Simultaneamente com fechamento desta pesquisa, há indícios da chegada do asfalto, fato que vai requerer novos estudos, uma vez que influenciarão o modo de vida e as formas de lazer.

Referências

- BARBANTI. V. J. Dicionário de Educação Física e do esporte. Editora Manole, 1994.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, 1988.
- CALEGARI, R.L. PRODÓCIMO, E. Jogos populares na escola: uma proposta de aula prática. Revista Motriz, Rio Claro, v.12, 2006.
- GAILLOIS. D. T. Patrimônio cultural imaterial e povos indígenas: exemplos no Amapá e norte do Pará. São Paulo: Iepé; 2006
- KISHIMOTO. M. T. Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação. Editora Vozes, 1993.
- KOCIAN, R.F.S.R. As possibilidades das brincadeiras infantis e jogos populares nas aulas e educação física infantil: um estudo de caso. Revista Digital Ef. Deportes, Buenos Aires, 2006. Acesso em 10, abr, 2012
- MARCELINO. N. C. Estudos do lazer: uma introdução. Campinas, São Paulo: Autores Associados 2005.
- MATTOS *et al.* Teoria e prática da metodologia da pesquisa em educação física: construindo seu trabalho acadêmico, artigo científico e projeto de ação, São Paulo: Phorte,



2004.

MELLO.A. M. Jogos tradicionais e brincadeiras infantis. In: Atlas do Esporte, 2005.

NAHAS, M. V. Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo. Ed. Londrina: Midiograf, 2006.

QUADROS. W. J. Trabalho, mercado e sociedade: o Brasil nos anos 90. Editora, UNESP. 2004.

SILVA. K. C. M. Além dos muros escolares: um resgate dos jogos tradicionais nas aulas de Educação Física, 2005. Disponível em:<<http://www.efdeportes.com/efd88/jogos.htm>
Acesso em 10/04/2012>

SOUZA, E.R. Do corpo produtivo ao corpo brincante: o jogo e suas inserções no desenvolvimento da criança. Doutorado. EPS – CTC – UFSC. 2001

UNESCO. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. 2003. Disponível em:<<http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001325/132540por.pdf>>. Acessado em: 29/04/2012.

VINHA M. Memórias do guerreiro, sonhos de atleta: jogos tradicionais e esporte entre jovens kadiwéu. Campinas, São Paulo. Dissertação, 1999.